

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



PATRIMÓNIO LITERÁRIO EM CONTEXTO MUSEOLÓGICO
ESTUDO DE CASO: CASA-MUSEU FERNANDA BOTELHO

ANA RITA SERRA FRANCO

Tese/Relatório de Estágio orientado pelo Professor Doutor Fernando Grilo especialmente elaborado para obtenção do grau de mestre em Arte, Património e Teorias do Restauro.

2018

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Fernando Grilo, pela sua orientação, total apoio e disponibilidade, pelo saber que transmitiu e pela colaboração na resolução de dúvidas.

À Arquiteta Fernanda Botelho, presidente da Associação Gritos da Minha Dança, que me recebeu prontamente como estagiária e disponibilizou toda a informação necessária ao enriquecimento do presente trabalho.

À minha família e amigos pelo apoio e por acreditarem no meu sucesso.

RESUMO

O património literário português é dotado de um espólio cultural e histórico reconhecido internacionalmente, com autores portugueses a afirmar o seu nome na história devido ao seu carácter erudito, notório nas suas bibliografias. Todas as obras literárias comportam em si a ideologia própria de cada autor, a forma como este vê o mundo, formando a ideia sobre a qual a obra literária se constrói. A sua compreensão assenta essencialmente no carácter e no contexto social em que a obra foi produzida. A importância da existência de Casas-Museu literárias justifica-se com o facto de expor o íntimo habitacional, como local onde o trabalho literário foi desenvolvido, convidando o leitor a entender a inclusão social em que o escritor viveu.

O desenvolvimento da investigação *Património Literário em Contexto Museológico* evidencia o estudo do objeto literário intimamente ligado com o estudo da museologia. O objeto literário é estudado em contexto museológico e a sua função enquanto bem artístico é recebida pelo público. A literatura é exposta num museu, sob a sua conotação linguística onde é realçada a sua conotação artística. A obra de arte literária existe para ser experienciada pelo leitor/público, perdendo a sua essência se o processo de receitividade for interrompido. A forma como uma obra literária é exposta num plano museológico de uma Casa-Museu representa o foco principal do presente trabalho, que visa chamar à atenção para o património literário nacional e a importância de ser preservado e estudado.

O estudo remete para o contexto português, com influências de ensaios de críticos internacionais que se debatem sobre o tema, apresentando respostas para a problemática em questão. Após análise das Casas – Museu edificadas até ao momento em território nacional são apresentadas soluções para o estudo de caso *Casa – Museu Fernanda Botelho*, colocando em evidência o património literário da escritora portuguesa. Fernanda Botelho detinha um cariz técnico literário presente em todas as suas obras poéticas ou romancistas, contado com doze obras de ficção que foram premiadas ao longo da sua carreira. A escritora que criticava acontecimentos do seu tempo, em que o seu carácter irreverente a distingue de outros escritores da época, sendo pioneira na abordagem da questão do lugar da mulher na sociedade portuguesa, facto que está intimamente ligado com o estudo prévio, pois das vinte Casas-Museu que aqui se apresentam nenhuma faz referência a um literário do género feminino.

Palavras-chave: Fernanda Botelho, obra literária, património, museologia, casa-museu.

ABSTRACT

The Portuguese literary heritage is endowed with a cultural and historical spoils recognized internationally by Portuguese authors stand as a historic milestone due to the erudite character that is notorious in the bibliography. All the literature includes the own ideology of each writer, the way that the writer sees the world completes the idea behind the structure of the work. The idea's comprehension is possible by knowing the social character and context where the work was produced. The importance of the existence of House-Museum is justified by the fact that is possible to know the housing, like a place of inspiration, inviting the reader to understand the social inclusion where the writer lived.

The developing of the investigation *"Literary Heritage in Museologic Context"* exposes a closely study between literature and museology. The literary object is studied in a museologic context that is received as an artistic object by the public. The literature is exhibited in a museum, under is linguistic connotation, where the artistic connotation is highlighted. The work of literary art exists to be experienced by the reader/public, losing the process essence and the reception is interrupted. The way that the literary work is exposed in a museologic plan of a House-Museum represents the principal focus of the present work, that exist to call attention to the national literary heritage and the importance of being preserved and studied.

The study refers to the Portuguese context, with influences from the essays of international critics who are debating the subject, and present answers to the problem in question. After analysis of the Houses - Museum built up to this moment in Portugal there are solutions for the case study *"House-Museum Fernanda Botelho"* evidencing the literary heritage of the writer. Fernanda Botelho had a technical literary present in all her works poetics or romantics, with twelve works of fiction that had been awarded during her career. The writer that criticized moments of her time, in which its irreverent character distinguishes her from other writers of that time, being a pioneer in approached of the question about the place of the woman in Portuguese society, fact that is connected with the previous study because in twenty House-Museum presented none makes reference about a woman writer.

Key-words: Fernanda Botelho, immaterial heritage, literature, museology, house-museum.

PLANO DE TRABALHO

I. O MUSEU LITERÁRIO

II. MUSEU DE CARÁTER LITERÁRIO EM PORTUGAL

II.I. ESTUDO DETALHADO ACERCA DAS CASAS-MUSEU EFETIVAS NO TERRITÓRIO

1. Casa-Museu Afonso Lopes Vieira
2. Casa Antero de Quental
3. Fundação Aquilino Ribeiro
4. Casa do Bocage
5. Casa de Camilo Castelo Branco
6. Casa-Museu Domingos Monteiro
7. Fundação Eça de Queiroz
8. Casa-Museu Fernando Namora
9. Casa Fernando Pessoa
10. Casa-Museu Ferreira de Castro
11. Casa-Museu Guerra Junqueiro
12. Casa-Museu João de Deus I e II
13. Casa-Museu José Régio I e II
14. Fundação José Saramago
15. Museu Júlio Dinis
16. Casa da Liberdade – Mário Cesariny
17. Casa-Museu Miquel Torga
18. Casa de Pascoaes
19. Casa-Museu Vasco de Lima Couto
20. Casa Vitorino Nemésio

III. A CASA-MUSEU FERNANDA BOTELHO

III.I. INTRODUÇÃO

1. A CASA DA ESCRITORA

- 1.1. O OBJETO LITERÁRIO DE FERNANDA BOTELHO
- 1.2. MOTIVOS PARA A CRIAÇÃO DA CASA-MUSEU
- 1.3. O MUNICÍPIO DO CADAVAL
- 1.4. A CONCEÇÃO DO LUGAR
- 1.5. AS COLEÇÕES

2. PLANO TÉCNICO

- 2.1. OBJETIVOS TÉCNICOS
- 2.2. OBJETIVOS PEDAGÓGICOS
- 2.3. OBJETIVOS CIENTÍFICOS
- 2.4. APOIOS DE FINANCIAMENTO

3. PROPOSTA DE PROJETO

- 3.1. A CASA-MUSEU FACE A OUTRAS INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS
- 3.2. O MUSEU: ESPAÇOS E CONTEÚDOS
- 3.3. PLANO MUSEOLÓGICO TIPO DE CONTEXTO LITERÁRIO
- 3.4. CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
 - 3.4.1. PLANO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA
- 3.5. DIAGNÓSTICO GLOBAL DAS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE
 - 3.5.1. PLANO DE ACESSIBILIDADE ADEQUADO ESPECIFICAMENTE AO ESPAÇO MUSEOLÓGICO EM ESTUDO

4. GESTÃO DO PATRIMÓNIO

- 4.1. PERCURSO MUSEOLÓGICO
- 4.2. IMAGEM E COMUNICAÇÃO
- 4.3. PLANO DE DIVULGAÇÃO CULTURAL
- 4.4. PROCESSO DE ADEQUAÇÃO A CASA-MUSEU

INTRODUÇÃO

A presente investigação aborda como tema central a literatura em contexto museológico, numa procura por definir o museu literário. O tema é aprofundado em diversas páginas, tendo em conta o contexto museológico português, procedendo-se ao levantamento das Casas-Museu somente de caráter, literário em território nacional, possibilitando a análise do estado da arte em Portugal e permitindo a elaboração de um plano museológico tipo que responde às necessidades específicas desta categoria museológica. A análise detalhada de cerca de vinte casas-museu destaca as características principais deste modelo de instituição museológica, justificando a importância deste estudo inicial para o desenvolvimento de um projeto que se adegue ao estudo de caso.

O caso de estudo - *Casa-Museu Fernanda Botelho*, onde incidiu o estágio académico ao qual o presente relatório faz referência, apresenta-se como um projeto de musealização que promove a adaptação de uma residência onde viveu a escritora em epígrafe a um museu aberto ao público. Deste modo é visado o objetivo principal de implementação de normas que permitam a viabilização para a futura adaptação, com a finalidade de abertura ao público, sob o título atribuído na presente investigação.

O tema desenvolve-se em torno do objeto literário de Fernanda Botelho, que motiva a criação da casa-museu. A integração da futura instituição no plano museológico nacional implica o conhecimento do município do Cadaval, onde será concebido o espaço, que albergará todas as coleções presentes no panorama habitacional. A sua instalação requer apoio financeiro, em parte até à data obtido, que é adquirido face a apresentação de objetivos técnicos, pedagógicos e científicos da casa-museu.

A intenção de musealização da habitação visa tornar pública a vida e obra da escritora portuguesa, que se apresenta como um marco para a cultura literária nacional, incutindo uma preocupação inicial pela preservação do edifício e seu conteúdo, criando-se um plano de conservação preventiva que permite manter os objetos sob as suas características primordiais.

O caráter público é problematizado pela elaboração de um plano e percurso museológico que limita o acesso do visitante e controla o contato com os espaços e os objetos. A imagem e a comunicação revelam igualmente um cuidado permanente visado através da composição de um plano de divulgação cultural, pretendendo-se que as visitas à casa sejam acompanhadas, pelo qual se apresenta uma folha de sala.

I. O MUSEU LITERÁRIO

A preservação do passado é de interesse público sendo imprescindível a busca por uma definição correta que expresse a função de um museu perante a valorização de uma memória. A ideia de conservação tem vindo a ascender numa sociedade civil que se preocupa com a destruição de bens artísticos, produzidos no passado, o que consequentemente levou à constituição de museus e de instituições responsáveis pela preservação de obras de arte e de monumentos históricos.

A Comissão Internacional dos Museus, o ICOM (International Council of Museums) apresenta uma definição para museu, afirmando que: *“A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purpose of education, study and enjoyment.”*¹ Designando os museus como locais erguidos pela sociedade de modo a serem vividos pelo povo, de carácter educativo, que desenvolve e apresenta as suas pesquisas.

Entende-se como Casa – Museu todo e qualquer espaço museológico que outrora fora habitado por uma pessoa que detém um valor célebre e representa um contributo para a valorização artística, patrimonial e histórica do país. O imóvel é apropriado como um museu com o intuito de se preservar a sua forma original, os seus bens e a “aura” em que viveu a pessoa em questão. A museologia é imposta ao edifício e cria um cenário histórico transmitindo ao público o íntimo de uma narrativa de vida.²

Destacam-se três condicionantes essenciais à criação de uma casa-museu a originalidade, a residência e a função. O ambiente reproduz-se e somos convidados a entrar naquela que fora a casa de alguém, vivenciando os espaços da forma mais fidedigna de como foram outrora sentidos e experienciados.³

A casa adquire um valor histórico que lhe é atribuído sobretudo pelo prestígio de quem a habitou, pelo interesse arquitetónico, pela relevância das coleções e pelos bens artísticos, defendendo uma memória traçada na história. As Casas – Museu são implementadas em todo o mundo diferindo de sociedade e do contexto em que estão

¹ ICOM Statutes, Development of the Museum Definition according to ICOM Statutes, adopted by the 22nd General Assembly, Vienna, Austria, 2007, in archives.icom.museum acedido a 9 de dezembro de 2017.

² PINNA, Giovanni, *Introduction to Historic House Museums*, in Museum International, Paris, UNESCO, 2001, p.4.

³ LORENTE, Jesús Pedro, *Qué és una Casa – Museo? Por qué hay tantas Casas – Museo Decimionómicas?* RdM, Revista de Museologia 14, Madrid, 1998. pp. 30-32

inseridas. A instituição deverá, portanto, defender valores que caracterizem a história individual de cada nação, assim como, costumes associados a modos de vida. Primordialmente eram defendidos apenas valores individualistas, contudo após a Segunda Guerra Mundial de forma a contornar a discriminação, a coletividade foi imposta. Neste período é notória a abertura de antigos palácios e locais que respeitam a memória de seus antecedentes. A democracia permitiu a valorização de todas as classes sociais, em que o modelo elitista é dissolvido.

O conhecimento público do arquivo de museu e dos estudos desenvolvidos por profissionais acerca de bens artísticos e figurativos que compõem o plano museológico, proporcionam uma maior visibilidade e interesse por parte de investigadores da área podendo enriquecer os estudos com os seus conhecimentos pessoais.

O museu oferece ao público a oportunidade de experienciar objetos, o que irá resultar na atribuição de uma cotação qualitativa a um objeto, pois o valor não é uma característica implícita na peça, mas sim um juízo de valor exercido por quem a avalia, sem conhecimento prévio do estado da peritagem de bens artísticos. Desta forma, o plano museológico é traçado conforme o nível de importância que se pretende atribuir a um objeto, e o mesmo é colocado em destaque estando o valor implícito na notoriedade do bem artístico.⁴

No que diz respeito a um objeto artístico literário, o texto representa um diálogo específico que adquire forma na visão do leitor, por conseguinte cada obra é escrita com o propósito de ser lida e interpretada, e se não encontrar um leitor perde todo o seu sentido de existência pois, segundo Barthes, o texto compõe-se no destino e não na origem.⁵ O que acima foi descrito vai de encontro com a temática da morte do autor, ou seja, quando o texto encontra um leitor o escritor morre nesse momento. Desta forma, um museu literário ganha todo um sentido pois tem como principal objetivo preservar a memória de um autor que pode ter ficado esquecido nas entrelinhas de quem interpretou a sua obra.

O mesmo crítico acima mencionado, afirma ainda que nos dias de hoje uma obra literária não é feita apenas por palavras, mas sim do lugar onde se unem textos que transpiram cultura e diversas conotações que lhe serão atribuídas pelo leitor, deste modo, o recetor detém o papel principal no julgamento de uma obra o leitor a obra não existe.

⁴ KANT, Immanuel, *Crítica da Faculdade do Juízo*, Forense Universitária, 1993. p.85

⁵ BARTHES, Roland, *Images Music Text*, Essays selected and translated by Stephen Heath, Fontana Press, Londres, 1977. p.148

O autor de uma obra, ao contrário do que se pensaria de que este seria apenas uma incoação de significados, detém funções perante a sociedade que segundo Foucault são: o enquadramento da obra de forma a impedir a livre passagem; a utilização e a formação ou a deformação de um texto, sendo que a leitura de uma obra deve acontecer de forma natural, embora o proveito da obra seja limitado pelas imposições do autor.

Os conceitos acima descritos representam pensamentos pós-estruturalistas que reformulam a ideia de que não há interesse sob o processo histórico, contudo pretendia-se que a racionalização fosse contrariada, pois o problema não são as estruturas, mas sim os espaços em branco, sendo o problema o desconhecido e não o que conhece sobre o assunto. Hoje em dia é possível afirmar com a evolução da crítica da arte e das ciências do património que é essencial preservar a história para que a memória seja vivida.⁶

A literatura é interpretada num determinado contexto social, específico à época, o que realça certos aspetos ideológicos implícitos numa obra sob parâmetros de criação, mediação e receção, tendo em conta o momento em que a obra foi criada e quando foi recebida. Desta forma a Casa-Museu permite o conhecimento desse mesmo contexto.⁷

A comunicação é imposta de forma natural ou não à constituição de uma obra, pois as ideias que o autor pretende transmitir são comunicadas através dos seus textos, que apenas terá significado após leitura.

Do estudo em questão destacam-se dois críticos fundamentais para a compreensão da linguística textual, Schmidt e Vorderer, do final do século XX que abordam o tema tendo em conta as contrapartidas da tecnologia na indústria cultural, o que provoca, segundo os mesmos, uma descontinuidade dos elementos literários.

Os cânones literários são igualmente explorados, pois estão assentes na produção em contexto social, numa abordagem em que é possível afirmar-se que nos dias correntes a literatura se encontra intimamente ligada à sociedade, ou seja, uma obra literária para além de deter um valor estético, detém igualmente um valor social, político e religioso.

A palavra adquire uma nova conotação num contexto pós-estruturalista, o que tornou a contextualização possível, pois Foucault afirma que a produção do discurso no seio da sociedade é realizada sob controlo, seleção e organização e posteriormente distribuído segundo procedimentos previamente definidos.⁸ O mesmo crítico define três

⁶ FOUCAULT, Michel, *As Palavras e as Coisas, uma arqueologia das ciências humanas*, tradução Salma Muchail, São Paulo, 2000. p.398-399

⁷ SCHMIDT, Siegfried J., *Sobre a escrita de histórias de literatura*, in OLINTO, Heidrun, *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*, São Paulo, 1996. p.3

⁸ FOUCAULT, Michel, *L'ordre du discours*, Gallimard, Paris, 1972. p.2

elementos que limitam a linguística textual: o comentário; o objetivo do autor e a forma como o discurso se organiza.

A literatura insere-se na categoria ideológica, sendo que contempla em si a ideia do autor, apresentando-se dois tipos de manifestações culturais em que o primeiro vai de encontro com autores que escreveram providos de inspiração social e o segundo remete para os autores que recusaram a influência social, não obstante tomaram igualmente um partido, o do contra, ou seja a ideia deixa de seguir um cânone literário contrariando-o, sendo também considerado um gênero de arte literária.⁹

A linguagem como elemento estrutural de uma obra de arte literária adquiriu destaque sendo definida como uma meta para a criação e para a crítica. Assim a obra literária apresenta três características essenciais: o assunto que vai de encontro com a problemática que o autor pretende expor; a forma como o método utilizado para organização dos textos e da linguagem e o sistema de comunicação da obra.

Um escritor não adquire reconhecimento através da criação de apenas uma obra, mas sim, da construção de uma bibliografia diferenciada, que lhe confere o caráter único, que se justifica pelo facto da caracterização do autor ser alterada conforme a construção linguística da obra, sendo essa a mudança que permite que o autor seja reconhecido.

A bibliografia deixada pelo autor permite preservar a sua memória, pois conservar os textos linguísticos significa salvaguardar a memória da pessoa que este foi outrora. O escritor empenha, na sua obra, características de personalidade nas “entrelinhas”, permitindo ao leitor conhecer traços pessoais de quem concebeu a obra, tal facto justifica a musealização das casas e dos locais pois no espírito do local são reencontradas essas mesmas particularidades.

O museu é um espaço de memória, assim como, um museu literário é um espaço de recordação de um escritor, expondo dessa forma, num lugar acessível a todos, a cultura portuguesa no expoente máximo da criação erudita da palavra.

⁹ LYRA, Pedro, *Literatura e Ideologia*, Vozes, Petrópolis, 1979. p.39

II. MUSEU DE CARÁTER LITERÁRIO EM PORTUGAL

O Museu é um lugar que enaltece a história e a literatura detendo um papel integrante nesta mesma categoria¹⁰, tendo sido o conceito de museu revisto séculos mais tarde durante a época renascentista, justificado pela construção e preservação de enormes palácios que continham diversas riquezas que necessitavam de acomodação. A obsessão do Homem pelas preciosidades permitiu a evolução do termo e concretização do que viria a ser o colecionismo atual, devido às obras de arte, pintura e escultura, comercializadas na altura entre classes de elite. Foi durante a Renascença que as coleções privadas foram abertas ao público de forma a dar a conhecer o recheio artístico do proprietário do palácio. Esta abertura de portas, que no início seria restrito à classe social mais alta, facultou estudos e interesses a quem pertencia ao povo e que nunca conseguiria ter acesso por outro meio a este tipo de arte.¹¹

A cultura mundial influencia aquilo que é produzido em Portugal, por esse motivo, destaca-se o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, Brasil, inaugurado no ano de 2006, graças ao trabalho de uma equipa multidisciplinar promovida pelo Governo do Estado de São Paulo. O Museu celebra a valorização e difusão do idioma português pelo mundo com os principais objetivos de realçar a língua como elemento cultural indispensável, comemorar a valorização histórica da língua portuguesa e promover o intercâmbio no espaço da lusofonia. Se a celebração da língua portuguesa é feita no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, com a instalação da *Casa-Museu Fernanda Botelho*, pretende-se que no Cadaval se celebre a literatura portuguesa.

Os espaços museológicos em estudo representam a evocação de acontecimentos que marcaram o tempo de vida de um determinado escritor, existindo na sociedade diversos grupos que poderiam ser enaltificados, porém o foco é apenas um grupo restrito, os literários. Estes espaços contemplam em si três zonas de atuação do património cultural: o imóvel; o imaterial e o material, referindo-se ao edifício que alberga o museu, à pessoa que o habitou e aos bens artísticos e literários expostos.¹²

¹⁰ A origem da palavra museu tem raízes na Antiguidade Clássica, precisamente em Atenas, onde existiria o Museion (museu) – o Templo das Musas. Esta edificação representava um sítio devoto em honra dos Deuses e do que seria a crença da altura. O espaço permitia acomodar preciosidades de forma a ser conservadas, evitando extravios ou perdas. Assim, o conceito fora novamente utilizado por Ptolomeu Filadelfo em Alexandria, onde estaria compreendido um complexo diverso que se completava por biblioteca, anfiteatro, refeitório, jardim e salas diversas.

¹¹ OLIVEIRA, Ernesto, *Apontamentos sobre Museologia – Museus Etnológicos*, Lições dadas no Museu de Etnologia do Ultramar, Lisboa 1971. p.9

¹² MOREIRA, Isabel, *Museus e Monumentos em Portugal 1972-1974*, Universidade aberta, Lisboa, 1989. P.22-24

Com a transformação da habitação para Casa-Museu pretende-se que celebre e comemore a existência de quem a habitou, mantendo os espaços fiéis à utilização quotidiana e transmitindo ao público a “aura” da sua presença. Cada um destes autores ímpares na sociedade transmitem ao leitor a sua identidade que pode ser experienciada no local que fora outrora o seu lar.

Considera-se um feito histórico uma obra de arte literária que tenha alcançado o expoente máximo de valorização artística e literária incitando a sua apresentação na Casa-Museu numa busca pela imortalização do autor, os seus livros são glorificados pela exposição dos mesmos na sua antiga casa que prova a passagem terrestre do escritor, desta forma os locais expositivos permitem a transposição do passado literário para gerações contemporâneas.¹³

As Casas – Museu em território Nacional português são de difícil contabilização pois foram abertas ao público muitas casas sem reunirem os requisitos mínimos que as validam¹⁴, sendo que a maioria não tem visibilidade, ou seja, o público desconhece a sua existência, subsistindo de forma instável, pondo em causa a própria sobrevivência da instituição. A falta de arquivos que sustentem a informação patente em museus representa um problema atual perante a validação das coleções expostas, assim como o acervo. Cada instituição necessita de um sistema de informação que proporcione o estudo da coleção e que seja do conhecimento público para os interessados no estudo. Em Portugal apenas se conhecem Casas-Museu literárias que remetem apenas para um escritor sendo que em outros países da Europa existem espaços museológicos dedicados a mais do que um autor, como é o caso do *The Writers' Museum* no Reino Unido. O facto das Casas-Museu em Portugal referirem exclusivamente a vida e obra de um escritor, apresenta-se como um fator positivo, pois é possível atribuir ênfase ao próprio. A tradição em Portugal, assim como em diversas partes do mundo é transmitida na sua maioria através da arte, despertando o sentimento no indivíduo recetor e promovendo a afetividade com o criador, em que ambos se encontram intimamente ligados pela obra, como é caso a obra literária. É através da arte que o património intelectual é salvaguardado, defendendo linhas criadoras e destacando pensamentos elucidativos para o estudo do passado.

O historiador Ramalho Ortigão afirmou que nos dias que correm, apenas os poetas, os filósofos e os artistas governam de forma simbólica o espírito do mundo, dizendo ainda que é através da arte que se revela a autonomia mental de cada povo.

¹³ ORTIGÃO, Ramalho, *O Culto da Arte em Portugal*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1917. p.84

¹⁴ Lei nº47/2004 de 19 de Agosto in patrimoniocultural.gov.pt consultado a 12 de fevereiro de 2018.

ESTUDO DETALHADO ACERCA DAS CASAS – MUSEU EFETIVAS NO TERRITÓRIO

O conceito de museu como espaço educativo deve estar sempre presente na mente de quem dirige um museu, tomando-se como exemplo a afirmação de José de Figueiredo quando dirigia o Museu Nacional de Arte Antiga referindo que o público apenas tira proveito da visita se as obras apresentadas forem devidamente expostas, contemplando uma elucidação da mesma, sobre quem produziu e o contexto em que a obra foi produzida. Assim, inicia-se um novo capítulo que visa frisar a importância da exposição de obras literárias.¹⁵

José de Figueiredo apresentou um ensaio no ano de 1901, onde destacava a importância de museus e coleções regionais, que vai ao encontro do que aqui é estudado pois, as Casas – Museu foram erguidas em regiões do interior do país, apesar de se contarem algumas exceções, detendo um carácter intimista característico de uma habitação típica.

Em Portugal, após análise geográfica, é notória a abertura de espaços museológicos fora das metrópoles, o que proporciona a construção de polos intelectuais nestas regiões que por vezes ficam esquecidos. O interior do país, de um modo geral, foi eleito por estes escritores como local para a seu lar e fonte de inspiração, merecendo então um cariz de destaque, permitindo não só a visita de um público que se interessa por estudar a literatura portuguesa, como acolhe igualmente quem não tem qualquer tipo de conhecimento sobre o assunto proporcionando uma divulgação avançada da sua obra. A deslocação das Casas – Museu em relação às cidades é motivo para que sejam criados núcleos de investigação que exponham a importância de cada espaço museológico de forma a justificar a visita aos mesmos. Estes espaços devem igualmente ser apresentados de forma elucidativa e objetiva.

Após o levantamento das Casas – Museu efetivas em território português de carácter literário, foi elaborada uma listagem, tendo em conta o nome e a localização, perfazendo um total de vinte espaços museológicos que merecem análise. Todas as casas foram designadas com o nome de cada autor, demonstrando que o ponto fulcral de cada local é a apreciação do escritor, no sentido em que a sua obra é experienciada no decorrer do que fora o espaço habitacional do próprio. A listagem foi organizada por ordem alfabética, sem criar estereótipos de grau de importância em torno de cada casa.

¹⁵ BAIÃO, Joana, *Museus -Arte e Património em Portugal, José de Figueiredo (1871-1937)*, caleidoscópio, Lisboa, 2015. p. 170, 325-327.

| Denominação | Localização |
|--|----------------------------|
| 1. Casa – Museu Afonso Lopes Vieira | Marinha Grande |
| 2. Casa Antero de Quental | Vila do Conde |
| 3. Fundação Aquilino Ribeiro | Moimenta da Beira |
| 4. Casa de Bocage | Setúbal |
| 5. Casa de Camilo Castelo Branco | São Miguel de Seide |
| 6. Casa – Museu Domingos Monteiro | Mesão Frio |
| 7. Fundação Eça de Queiroz | Santa Cruz do Douro |
| 8. Casa – Museu Fernando Namora | Condeixa-a-Nova |
| 9. Casa Fernando Pessoa | Lisboa |
| 10. Casa – Museu Ferreira de Castro | Oliveira de Azeméis |
| 11. Casa – Museu Guerra Junqueiro | Porto |
| 12. Casa – Museu João de Deus I e II | Lisboa e Silves |
| 13. Casa – Museu José Régio I e II | Portalegre e Vila do Conde |
| 14. Fundação José Saramago | Azinhaga, Golegã |
| 15. Museu Júlio Dinis | Ovar |
| 16. Casa da Liberdade – Mário Cesariny | Lisboa |
| 17. Casa – Museu Miguel Torga | Coimbra |
| 18. Casa de Pascoaes | Amarante |
| 19. Casa – Museu Vasco de Lima Couto | Constância |
| 20. Casa Vitorino Nemésio | Praia da Vitória - Açores |

Os espaços museológicos listados fazem alusão a museus ainda em funcionamento, pois contam-se outras Casas – Museu ou Fundações extintas. A abertura ao público das Casas – Museu situa-se no mapa do tempo, concentrando-se na sua maioria no século XX, sendo que apenas duas das casas em estudo foram inauguradas no presente século XXI.



Figura 1 – Mapa de Portugal com a localização das Casas-Museu

O mapa permite construir uma noção geográfica da disposição das Casas-Museu, sendo que na sua maioria foram edificadas a norte do Rio Tejo, com concentração acentuada na região da Foz do Douro.

1. Casa – Museu Afonso Lopes Vieira

Localização: Rua Dr. Adolfo Leitão, São Pedro de Moel

Ocupação da casa: 68 anos – 1878-1946

Abertura ao público: 1946

Tutela: Câmara Municipal da Marinha Grande

Diretor/Técnico responsável: Catarina Carvalho

Coleções: espólio bibliográfico, mobiliário, búzios, armas, tecidos e objetos pessoais do escritor

Espaços disponibilizados ao público: receção, sala de exposição temporária, espaços exteriores, biblioteca, loja

Tipo de atividades: visitas guiadas

O Escritor: Afonso Lopes Vieira nasceu no dia 26 de janeiro de 1878, em Leiria, e faleceu no dia 25 de Janeiro de 1946, em Lisboa. Poeta português de caráter nacionalista, considerado pelos críticos como um defensor da sua terra transmitindo aos jovens a forma de defender o seu país. Coloca a Pátria sobre qualquer ideia política, deixando o seu marco na Universidade de Coimbra, onde se formou em Direito. Esta que é a cidade, conhecida por todos, como a Casa de grandes nomes de poetas portugueses, formando elites de destaque nacional e internacional. O poeta que é reconhecido como um promotor de valores artísticos e culturais portugueses, deixa o seu último marco na história ao revoltar-se contra a ditadura escrevendo, apenas para seus amigos, “Éclogas de Agora” em 1935.

A Casa – Museu: A casa situa-se junto à praia e divide-se entre dois andares, a Casa – Museu no primeiro andar e no rés-do-chão parte da colónia balnear do escritor. A norte do edifício encontra-se uma capela e os dormitórios da colónia. Afonso Lopes Vieira apelidou a sua residência como “Casa – Nau” onde escreveu inúmeras das suas obras, por esse motivo, o local detém uma enorme importância na sua carreira literária, com elementos decorativos que fazem alusão às suas obras. A musealização do espaço respeita a disposição original da habitação o que torna possível um entendimento fiel à “aura” e à vivência do escritor.

Como se verifica nesta casa, também Fernanda Botelho escreveu duas das suas obras na sua habitação do Cadaval “As Contadoras de Histórias” (1998) e “Gritos da Minha Dança” (2003).

2. Casa Antero de Quental

Localização: Largo Antero de Quental, Vila do Conde

Ocupação da casa: últimos 10 anos de vida entre 1881 e 1891

Abertura ao público: 2013

Tutela: Câmara Municipal de Vila do Conde

Diretor/Técnico responsável: Guilherme de Oliveira Martins e Ana Maria Martins

Coleções: objetos pessoais e de trabalho do escritor, espólio literário, estante com milhares de obras, espólio literário dos escritos pertencentes ao grupo “Geração 70”, fotografias, correspondência

Espaços disponibilizados ao público: auditório, sala de estudo e biblioteca

Tipo de atividades: visitas guiadas e exposições temporárias

O Escritor: Antero Tarquínio de Quental nasceu a 18 de abril de 1842 em Ponta Delgada e suicidou-se a 11 de setembro de 1891 na sua terra natal. Considerado pelos críticos como um dos melhores sonetistas da sua época, era poeta e filósofo, e comandou a corrente do realismo em Portugal. A sua carreira como escritor inicia-se durante a sua época de estudante em Coimbra, contudo, um percurso atribulado, pois por desacato às leis académicas impostas na época, é condenado a oito dias de prisão. Após terminar o curso de direito forma um grupo de renome “Geração 70”, que tem como objetivo reformular os conceitos em Portugal. As suas obras detinham valores filosóficos que despertavam a reflexão do leitor.

A Casa – Museu: Os trabalhos de recuperação da habitação e a sua reformulação para casa – museu ficaram a cargo da autarquia de Vila do Conde, tendo como propósito a valorização do património local. Em cartas deixadas pelo poeta lê-se a descrição de um jardim à sua medida e por esse motivo foi criado adjacente a sua casa um jardim que respeita os desejos do escritor. A casa divide-se por dois andares e apresenta a obra de Antero de Quental, através de uma museologia que pretende mostrar a importância literária do escritor na região e no país tendo como principal foco um objetivo pedagógico em que a sua obra pode ser estudada e sentida, albergando também o Centro de Estudos Anterianos, fundando em 1944, como ainda, a recolha de um espólio relacionado com a “Geração 70”.

3. Fundação Aquilino Ribeiro

Localização: Soutosa, Moimenta da Beira

Ocupação da casa: desde 1895 até 1902

Abertura ao público: 1988

Tutela: Fundação Aquilino Ribeiro

Diretor/Técnico responsável: Fundação Aquilino Ribeiro

Coleções: espólio bibliográfico do autor, biblioteca e objetos pessoais, mobiliário, faiança, escultura e pintura

Espaços disponibilizados ao público: espaços exteriores, biblioteca

Tipo de atividades: visitas guiadas

O Escritor: Aquilino Gomes Ribeiro nasceu a 13 de setembro de 1885, em Sernancelhe, e faleceu a 27 de maio de 1963 em Lisboa. Escritor, novelista e romancista português. Dez anos após o seu nascimento, Aquilino e seus pais mudam-se para Soutosa, Moimenta da Beira, onde teve um ensino preparatório religioso. Estudou filosofia em Viseu e posteriormente teologia em Beja. Após completar duas décadas de existência fixa residência em Lisboa, onde comete um crime e tem de se exilar em Paris onde escreve o seu primeiro romance “Jardim das Tormentas”. Durante a I Guerra Mundial regressa a Portugal onde começa a editar os seus livros. O escritor consegue impor o seu nome pois dedicou toda a sua vida às letras, contando com cinquenta anos interrompidos de escrita, onde se espelha a sua personalidade, o seu talento, originalidade e apelo pelas suas raízes. Considerado por muitos como um escritor que ultrapassava as escolas do seu tempo, alheio a qualquer corrente literária.

A Casa – Museu: O edifício data do século XIX que Aquilino herdou de seu pai em 1918, após a sua morte. A Fundação Aquilino Ribeiro tem como foco principal a preservação da memória do escritor e a valorização dos seus bens, o que é possível através da apresentação desta Casa – Museu que tem objetivos científicos, pedagógicos e lúdicos. O escritor teve diversas habitações, porém Soutosa tem um papel fundamental na sua vida, representando um local de refúgio. A museologia da casa organiza-se de forma a transparecer a personalidade do escritor, livre que lutava pela igualdade em plena ditadura, através da disposição de objetos pessoais do quotidiano, de obras de autor, de outras bibliografias, de correspondência e de fotografias. Em sintonia com o pátio interior da casa e o jardim. De igual forma se verifica na Casa do Cadaval onde o edifício se relaciona harmoniosamente com o jardim e o pátio.

4. Casa do Bocage

Localização: Rua Edmond Bartissol, Setúbal

Ocupação da casa: nasceu na casa em 1765

Abertura ao público: 2005

Tutela: Câmara Municipal de Setúbal

Diretor/Técnico responsável: Câmara Municipal de Setúbal

Coleções: peças de arte e livros do Museu de Setúbal / Convento de Jesus e documentos da Biblioteca Municipal retratam a figura e obra de Bocage

Espaços disponibilizados ao público: Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro e Centro de Documentação Bocagiano, biblioteca, exposições temporárias

Tipo de atividades: visitas guiadas

O Escritor: Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu no dia 15 de dezembro de 1765 em Setúbal e faleceu a 21 de dezembro de 1805 em Lisboa. Poeta português, considerado o mais notável do século XVIII. Estimulado pelo Arcadismo de Portugal, de caráter individualista que antecipou traços da poesia romancista do século XIX. Alistou-se na Marinha de Guerra e através da qual realizou inúmeras viagens pelo mundo. No ano de 1790 iniciou a sua atividade literária sob o pseudónimo de Elmano Sadino escrevendo sobre a mitologia grega, mas que depressa evoluiu para poesia de autorretrato. Bocage foi um sonetista lírico, assim como Camões e Antero de Quental. A sua bibliografia conta com idílios, odes, canções, epístolas e fábulas. Preso pela Inquisição começou a realizar traduções. Fica a memória de um poeta que oscilava entre o sentimento de arte e de realidade.

A Casa – Museu: A lápide, colocada em 1864, dá a conhecer ao público o facto de o poeta ter nascido nesta casa, com uma pequena inscrição e com a sua data de nascimento. O espaço museológico apresenta peças de arte e obras do Museu de Setúbal – Convento de Jesus e documentos da Biblioteca Municipal de Setúbal, que detêm uma maior importância pois retratam a vida e obra de Bocage. A casa alberga ainda o Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro e o Centro de Documentação Bocagiano, como também, a biblioteca, também presente no Cadaval. Através da inclusão de todos estes núcleos o museu defende sobretudo o caráter pedagógico.

Durante o presente projeto de investigação foram desenvolvidos três tipos de objetivos, dos quais: técnicos, científicos e pedagógicos, representando o último um ponto de consonância e de foco.

5. Casa de Camilo Castelo Branco

Localização: Lugar da Igreja, São Miguel de Seide

Ocupação da casa: 27 anos, entre 1863 e 1890

Abertura ao público: 1922

Tutela: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

Diretor: Aníbal Pinto de Castro e José Manuel de Oliveira

Coleções: utensílios de uso pessoal, mobiliário familiar, iconografia diversa entre pintura e escultura, biblioteca com 787 obras literárias do escritor, correspondência, bibliografia ativa e passiva com mais de três mil volumes

Espaços disponibilizados: receção, sala de exposição temporária, espaços exteriores, biblioteca, loja, auditório, cafetaria, anfiteatro ao ar livre, centro de estudos camilianos

Tipo de atividades: visitas guiadas, exposições temporárias, visitas a locais da memória camiliana, congressos

O Escritor: Nasceu a 16 de março de 1825, em Lisboa, e suicidou-se a 1 de junho de 1890, em São Miguel de Seide. Considerado pelos críticos como um escritor genial e glorioso, foi romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. A sua vida atribulada está expressa nas suas obras. Foi o primeiro escritor português que vivia somente do seu trabalho enquanto escritor. O facto de ser órfão deixou marcas na sua vida e obra de puro sofrimento. Os infortúnios amorosos e de saúde estão presentes ao longo de toda a sua vida, desde o seu primeiro casamento apenas com dezasseis anos até à doença que o tornou cego e o levou a matar-se em sua casa.

A Casa – Museu: Em 1863 após a morte do proprietário o escritor muda-se para a presente casa. A habitação foi abandonada e em 1915 sofre um incêndio. Esta que é a Casa – Museu mais antiga aberta ao público em Portugal. Para abertura da casa em 1922 e com a campanha de 1958 reuniu-se cerca de oitenta por cento dos objetos patentes na habitação. A sala onde o escritor se suicidou está presente um retrato de Camilo Castelo Branco em câmara ardente, sendo esta a parte mais fiel na reconstituição da habitação. A Casa – Museu existe como símbolo de quem sofreu para escrever sobre sofrimento. Este espaço museológico é a casa – museu mais visitada em Portugal provavelmente pelo mítico acontecimento que pôs termo à vida do escritor. Camilo Castelo Branco cruza na sua obra a vida e a ficção, onde não é possível distinguir nenhuma das duas. O espaço museológico representa um espaço ficcional que fora inspiração para a criação de diversas obras, de igual forma, Fernanda Botelho descreve na sua última obra momentos de inspiração no pátio do Cadaval.

6. Casa – Museu Domingos Monteiro

Localização: Quinta das Quintãs, Mesão Frio

Ocupação da casa: toda a sua vida

Abertura ao público: 2014

Tutela: Direção Regional de Cultura do Norte

Diretor/Técnico Responsável: Direção Regional de Cultura do Norte

Coleções: objetos pessoais de uso quotidiano, coleções de arte decorativa como mobiliário, têxteis, candelabros, estatuária e obra literária

Espaços disponibilizados ao público: jardins

Tipo de atividades: visitas guiadas e eventos

O Escritor: Domingos Monteiro nasceu a 6 de novembro de 1903 em Mesão Frio e faleceu a 17 de agosto de 1980 no mesmo local. Graduou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Com apenas 16 anos escreveu o seu primeiro livro intitulado de “Crepúsculo” em 1919, com prefácio de Teixeira de Pascoaes. Dedicou a sua vida à escrita e em oposição ao regime da época. Foi advogado, escritor, jornalista e editor, afirmando que estaria numa busca incessante pelo destino, onde as suas ideias se transformavam em sonhos. A sua obra literária fora desenvolvida em isolamento social, que aborda questões mundanas e filosóficas como a dimensão de ser homem, a sociedade, a natureza, o seu tempo, a existência e o amor.

A Casa – Museu: Edifício de três pisos, dividido em adega, rés-do-chão e águas furtadas, em que se conservam divisões originais e outras, porém reformadas para espaços expositivos. A linguagem museológica apresenta a vida e obra do escritor, incluindo objetos pessoais originais, assim como, documentação do escritor, correspondência e manuscritos. O quarto do escritor apresenta-se com objetos decorativos de mobiliário, como o quarto de vestir e o escritório mostra o seu local de trabalho, com a secretária, objetos de trabalho e uma estante com livros. Todo o espaço transmite através de apontamentos e bens a estética das casas burguesas dos finais do século XIX. A casa é contornada por um jardim visitável de estilo romântico onde se encontram lagos e uma gruta e aquela que seria a vinha, não muito longe do rio Douro. A casa de Domingos Monteiro e o jardim, representam a época do escritor conservando elementos originais que traduzem os seus gostos pessoais. O gosto do escritor pela casa está espelhado no “Quarto da Mão Fechada”, no qual se inspirou para a criação de um conto com esse mesmo nome. No caso de Fernanda Botelho “Gritos da Minha Dança” espelha uma obra autobiográfica.

7. Fundação Eça de Queiroz

Localização: Quinta de Vila Nova, Santa Cruz do Douro

Ocupação da casa: férias em 1892 e visitas pontuais

Abertura ao público: 1997

Tutela: Fundação Eça de Queiroz

Diretor/Técnico responsável: Maria da Graça Salema de Castro

Coleções: arte decorativa com mobiliário, faianças, ourivesaria e têxteis, documentação, manuscritos, obra literária de autor, objetos de uso quotidiano e fotografias

Espaços disponibilizados ao público: exposições itinerantes em diferentes locais

Tipo de atividades: visitas guiadas, atividades complementares, eventos, almoços com marcação prévia com ementa imortalizada na obra do escritor

O Escritor: Nasceu a 25 de novembro de 1845 em Póvoa de Varzim e faleceu no dia 16 de agosto em Paris. Afastado até aos dez anos de seus pais deixou marcas nas suas obras, sob uma infância trágica em colégios internos no Porto, viria a formar-se em Coimbra.

A Casa – Museu: O Museu tem como objetivo primordial perpetuar a memória do escritor em Portugal e no estrangeiro promovendo a conservação e a divulgação da sua obra.

Espaço museológico que alberga o espólio que pertenceu ao escritor. A região e a habitação foram fonte de inspiração para o romance “*A Cidade e a Serra*”, sendo o cenário real e ficcional da obra. Todos os objetos da casa de Paris estão também expostos nesta casa – museu, como mobiliário, objetos pessoais, documentação e obras literárias. Fundação organiza cursos para portugueses e estrangeiros como também conferências e seminários. O percurso museológico inicia-se pela sala de entrada onde se encontra a mesa onde o escritor terá realizado as refeições imortalizadas no seu romance e o Cadeirão de Jacinto também ele descrito. A biblioteca apresenta a secretária onde Eça escreveria de pé encostado ao banco, e à medida que ia escrevendo atirava as folhas para o chão sem as numerar e seria a filha D. Maria que as apanhava e organizava. Na sala – museu estão todos os objetos pertencentes à casa de Paris, em que no centro da sala se apresenta uma veste oriental oferecida pelo Conde Arnoso. Na sala de estar a peça com maior destaque é o móvel de vitrina onde se encontram expostos todos os objetos de uso pessoal, como também a maceira oferecida por Ramalho Ortigão. O percurso segue para a sala de jantar e posteriormente para o quarto, cozinha, capela e termina no antigo lagar. Este percurso percorre toda a planta da casa, assim como, na Casa do Cadaval em todo o espaço visitável.

8. Casa – Museu Fernando Namora

Localização: Largo Artur Barreto, Condeixa – a – Nova

Ocupação da casa: infância

Abertura ao público: 1990

Tutela: Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova

Diretor/Técnico responsável: Presidente da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova

Coleções: bens de arte decorativa como mobiliário, pintura, escultura, candelabros e têxteis, objetos de uso pessoal, objetos de trabalho, obra literária

Espaços disponibilizados ao público: receção, espaço polivalente, espaços exteriores, loja

Tipo de atividades: exposições temporárias, visitas guiadas, *ateliers* pedagógicos, edição

O Escritor: Fernando Gonçalves Namora nasceu a 15 de abril de 1919 em Condeixa e faleceu a 31 de janeiro de 1989 em Lisboa. Foi médico, pintor e escritor português, que deixou um vasto espólio de obra literária, traduzida nos anos 70 e 80. Pertenceu à geração de 40 e a sua primeira obra de poesia fora “Relevos” de 1937. No ano seguinte apresentou o seu primeiro romance “As Sete Partidas do Mundo” que viria ser premiado com o Prémio Almeida Garrett, no mesmo ano que recebera o Prémio Mestre António Augusto Gonçalves, na categoria de pintura. Romancista, ensaísta e poeta. Por vezes, criticado por ser demasiado realista, pertencia ao neo-realismo, contudo apresentou outro tipo de obras desenvolvidas ao longo de mais de cinco décadas, em que se assinala a precoce vocação, a feição naturalista e poética.

A Casa – Museu: O espaço mais emblemático é o escritório reconstituído através da inclusão da sua secretária, da máquina de escrever, da estante com livros e objetos pessoais. O percurso museológico desenvolve-se numa pequena casa que conta a história de vida do escritor sobretudo através de fotografias e pinturas. É também apresentado o acervo documental de Fernando Namora, pertencente à sua casa de Lisboa, permite conhecer as relações que o escritor mantinha com outros autores, e que justifica a personalidade demonstrada através de toda a sua obra. A coleção de manuscritos merece real destaque que conta com apontamentos originais, provas tipográficas e livros publicados e anotados, apresentados na oficina do escritor. Enquanto pintor desenvolveu algumas que estão igualmente patentes na casa – museu, como ainda obras de outros autores nacionais e estrangeiros. Também Fernanda Botelho era colecionadora e são apresentados alguns bens decorativos no seu antigo lar.

9. Casa Fernando Pessoa

Localização: Rua Coelho da Rocha, Lisboa

Ocupação da casa: últimos 15 anos de vida, entre 1920 e 1935

Abertura ao público: 1993

Tutela: Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural

Diretor/Técnico responsável: Clara Riso

Coleções: pintura, escultura, fotografias, correspondência, objetos pessoais, espólio literário de autor, mobiliário,

Espaços disponibilizados ao público: duas bibliotecas, sala de estudo, livraria, auditório, restaurante,

Tipo de atividades: visitas guiadas, programas especiais

O Escritor: Fernando António Nogueira Pessoa nasceu a 13 de junho de 1888 em Lisboa e faleceu a 30 de novembro de 1935. Viveu em África do Sul durante a sua infância e regressou a Portugal com o objetivo de frequentar o curso de Letras, apenas o frequentou por poucos meses e tornou-se um estudante autodidata na Biblioteca Nacional. Conhecido como o grande poeta do modernismo em Portugal expressando-se em nome próprio e através dos heterónimos. A obra “Livro do Desassossego” considerada uma obra – prima da literatura universal. Ficcionalista e ensaísta, era um pensante de Portugal e da política portuguesa, assim como, do comércio, publicidade e astrologia. Integram na sua extensa obra contos, ensaios, críticas e traduções. Em vida publicou apenas “Mensagem” em 1934. Viveu para escrever toda a vida.

A Casa – Museu: A casa foi o local onde Fernando Pessoa criou muitas das suas obras e viveu os seus últimos anos de vida, como Fernanda Botelho no Cadaval, tornando o espaço emblemático, nos dias de hoje, todo o prédio constitui um museu, com uma reconstituição daquela que seria a habitação, da inclusão de um auditório, uma biblioteca e o projeto do terceiro piso uma sala multimédia. O espaço museológico pretende conservar, preservar o património de Fernando Pessoa, cujo espólio documental fora classificado como Tesouro Nacional. A linguagem museográfica dá a conhecer ao visitante a vida quotidiana do escritor e o seu trabalho em nome próprio ou segundo os seus heterónimos. O quarto do escritor foi reconstituído integrando objetos pessoais e a cómoda original, como também pela casa encontram-se outros objetos originais como o baú onde estariam os manuscritos, o cinzeiro, retratos de família e a máquina de escrever.

10. Casa – Museu Ferreira de Castro

Localização: Rua Escritor José Maria Ferreira de Castro, Lugar dos Salgueiros, Ossela, Oliveira de Azeméis

Ocupação da casa: infância e entre 1965 e 1974

Abertura ao público: 1968

Tutela: Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis

Diretor/Técnico responsável: Ricardo Freitas

Coleções: mobiliário, objetos pessoais e manuscritos de Ferreira de Castro, biblioteca

Espaços disponibilizados ao público: receção, espaço polivalente, espaços exteriores, biblioteca

Tipo de atividades: visitas guiadas, encontros

O Escritor: José Maria Ferreira de Castro nasceu a 24 de maio de 1898 em Ossela, Oliveira de Azeméis e faleceu a 29 de junho de 1974 no Porto. Em 1911 viajou para o Brasil onde viria a publicar o seu primeiro romance “Criminoso por Ambição” em 1916. Anos mais tarde regressou a Portugal onde começou por trabalhar para o jornal “O Século” e posteriormente foi diretor do jornal “O Diabo”. Colaborou também com três revistas “O Domingo Ilustrado”, “Renovação” e “Ilustração”. Jornalista e ficcionista conta com grande parte da sua obra traduzida em diferentes partes do mundo, incluindo-se na categoria de literatura universal moderna. A sua escrita era distinta pelo seu caráter de intervenção social e ideológica.

A Casa – Museu: o edifício compõe-se por dois pisos, onde no primeiro se encontra a adega, na qual figuram objetos de uso agrícola de época, como o lagar, a prensa, uma salgadeira e pipos, o espaço é decorado por obras de pintura oferecidos ao escritor. O segundo piso fora o local de habitação do escritor e de sua mãe, contando com pequenas assoalhadas desde dois quartos, à cozinha e à sala. No quarto de sua infância encontra-se expostos os sapatos que utilizou em 1939 para dar a volta ao mundo. De entre os objetos de trabalho, encontra-se um dicionário que o autor utilizara como principal auxílio da sua escrita enquanto ainda vivia no Brasil. A casa é circundada por um jardim e um pinhal, que já existira antes do escritor a habitar, mas que por vontade própria quis manter alterando apenas algumas espécies vegetais. Após um período de afastamento da casa o escritor regressa à sua terra natal, adquirindo a habitação e transformando em casa-museu. Em 1967, aquando da sua nomeação a Nobel da Literatura, doou a propriedade à autarquia para manter a sua conservação. A preservação do Espólio de Fernanda Botelho é assegurada pela elaboração de planos museológicos e financiamento.

11. Casa – Museu Guerra Junqueiro

Localização: Rua D. Hugo, Porto

Ocupação da casa: nunca

Abertura ao público: 1942

Tutela: Câmara Municipal do Porto

Diretor/Técnico responsável: Maria da Luz, Paula Marques

Coleções: cerâmica, mobiliário, pratas metais, vidros e cristais, tecidos e tapeçarias

Espaços disponibilizados ao público: receção, sala de exposição temporária, espaços exteriores, loja, auditório, espaços do serviço educativo

Tipo de atividades: visitas guiadas, exposições temporárias, edição, concertos, *workshops*

O Escritor: Abílio Manuel Guerra Junqueiro nasceu a 15 de setembro de 1850 em Freixo de Espada à Cinta e faleceu a 7 de julho de 1923 em Lisboa. Considera-se ter sido o poeta mais popular do seu tempo e o principal representante da “Escola Nova”. Através da sua obra literária foi criada um ambiente revolucionário que proporcionou a implantação da República. Formando em Direito pela Universidade de Coimbra foi embaixador de Portugal na Suíça. Ainda como estudante iniciou a sua carreira literária participando no jornal “A Folha”. Em 1868 com a publicação das suas primeiras obras viu o seu nome ecoar entre o círculo de escritores da época.

A Casa – Museu: A casa situa-se no centro histórico do Porto e foi requalificada nos anos 90. Apresenta a obra literária do escritor, assim como, a sua coleção de artes decorativas com um espólio artístico que se divide em coleções de mobiliário, ourivesaria, têxteis, faiança portuguesa e peninsular, e uma importante coleção de escultura do poeta, doada pelo próprio ao museu nacional de arte antiga que está patente num dos dois espaços de exposições temporárias. A abertura da casa – museu justifica-se com a necessidade de evocar a figura ilustre do poeta, político que teve um papel importante na implantação da república em Portugal. Apesar de nunca ter habitado a casa em questão, sendo Guerra Junqueiro um importante colecionador de arte em Portugal, a casa – museu detém um papel fulcral na preservação de património histórico, cultural e artístico nacional. Para além da apresentação das coleções, a casa promove também, projetos desenvolvidos em torno das coleções celebrando o património nacional. A Casa-Museu Guerra Junqueiro celebra a vida e obra do escritor, o mesmo que se pretende com o projeto de adequação da Casa-Museu Fernanda Botelho.

12. Casa – Museu João De Deus I

Localização: Rua Dr. Francisco Neto Cabrita, São Bartolomeu de Messines

Ocupação da casa: infância e Adolescência

Abertura ao público: 1997

Tutela: Câmara Municipal de Silves

Diretor/Técnico responsável: Maria Gabriela Martins

Coleções: artes decorativas como pintura, escultura, mobiliário, barro, ferro, azulejaria, ourivesaria. Objetos de uso pessoal e do quotidiano.

Espaços disponibilizados ao público: biblioteca e hemeroteca

Tipo de atividades: visitas guiadas e programas pedagógicos

O Escritor: João de Deus Nogueira Ramos nasceu a 8 de Março de 1830, em São Bartolomeu de Messines e faleceu a 11 de janeiro de 1896. Conhecido sob o nome de João de Deus foi poeta lírico e pedagogo, considerado no século XIX, como o primeiro de seu tempo, encontra-se sepultado no Panteão Nacional.

A Casa – Museu: O objetivo primordial no projeto museológico é oferecer ao público um contato profundo com a vida e obra do escritor, através do conteúdo pedagógico e lúdico transmitido através de diferentes domínios culturais. A memória de João de Deus é preservada pelo seu trabalho como poeta e escritor e pela análise da sua identidade enquanto pessoa.

12.1.Casa – Museu João de Deus II

Localização: Rua João de Deus, Lisboa

Ocupação da casa: 10 anos, 1886-96

Abertura ao público: 1982

Tutela: Associação de Jardins – Escolas João de Deus

Diretor/Técnico responsável: António Ponces de Carvalho

Coleções: mobiliário, pintura, antiguidades e objetos pessoais

Espaços disponibilizados ao público: nenhum

Tipo de atividades: visitas guiadas, lançamentos de livros

A Casa – Museu: O museu preserva e conserva diversos objetos de uso pessoal e do quotidiano dos últimos anos de vida do escritor. A casa de Lisboa foi o local eleito por João de Deus para formar professores e receber os seus amigos. Durante o percurso museológico é possível observar a coleção de artes decorativas que o próprio adquiriu em vida. Mais de um século depois da sua morte, a sua memória conserva-se devido à abertura das Casas-Museu, o mesmo se pretende no Cadaval.

13. Casa – Museu José Régio

Localização: Rua José Régio, Portalegre

Ocupação da casa: 36 anos, de 1930 a 1966

Abertura ao público: 1971

Tutela: Câmara Municipal de Portalegre

Diretor/Técnico responsável: Joana Munõz

Coleções: arte popular e sacra, arte pastoril e conventual, ferro forjado, mobiliário e faiança, escultura, pintura e registos.

Espaços disponibilizados ao público: receção, sala de exposições temporárias, espaço polivalente, espaços exteriores, loja, espaço dos serviços educativos, cafetaria, Centro de Estudos José Régio

Tipo de atividades: visitas guiadas

O personagem: José Maria dos Reis Pereira nasceu a 17 de setembro de 1901 em Vila do Conde e faleceu a 22 de dezembro de 1969 em Vila do Conde. Foi poeta, escritor, romancista, dramaturgo, novelista, contista, cronista, ensaísta, crítico e historiador da literatura. Recebeu diversos prémios e a sua poesia musicalizada com o fado.

A Casa – Museu: A onde José Régio escreveu a maior parte da sua obra apresenta a sua coleção pessoal de arte sacra e artes decorativas. Veio para Portalegre para lecionar e nesta casa se instalou num só quarto e posteriormente adquiriu todo o edifício. A intenção de transformar a casa em museu partiu do próprio, que por esse motivo vendeu a sua coleção de arte à Câmara Municipal de Portalegre de forma a dar continuidade ao projeto.

13.1. Casa – Museu José Régio II

Localização: Vila do Conde

Ocupação da casa: férias toda a vida e 3 anos como residência principal entre 1966-69

Abertura ao público: 1975

Tutela: Câmara Municipal de Vila do Conde

Diretor/Técnico responsável: António Ponte

Coleções: arte sacra, pintura, escultura popular, biblioteca pessoal, artes decorativas

Espaços disponibilizados ao público: sala de exposição temporária

Tipo de atividades: visitas guiadas

A Casa – Museu: O percurso desenvolve-se por diversas salas peculiares como a sala de pintura moderna, o escritório, o quarto, a sala de jantar, a casa das alminhas e o jardim, onde se conservam objetos e coleções pessoais, de arte sacra e artes decorativas. O percurso museológico é parte integrante do presente projeto do Cadaval.

14. Fundação José Saramago

Localização: Largo dos Divisões, Azinhaga, Golegã

Ocupação da casa: nunca. Terra natal

Abertura ao público: 2017

Tutela: Junta de Freguesia da Azinhaga, Fundação José Saramago e Câmara municipal da Golegã.

Diretor/Técnico responsável: Fundação José Saramago

Coleções: Objetos de uso quotidiano, bens decorativos, material fotográfico, reprodução de uma cozinha ribatejana do início do século XX e coleções literárias.

Espaços disponibilizados ao público: biblioteca, livraria e auditório.

Tipo de atividades: visitas guiadas e atividades culturais.

O Escritor: Nasceu a 16 de novembro de 1922, Azinhaga – Golegã, e faleceu no dia 18 de junho de 2010 em Lanzarote. Apenas completou o ensino secundário por falta de dinheiro. Começou por ser serralheiro mecânico, desenhador, editor, tradutor e jornalista. Em 1947, ano de nascimento da sua única filha, publicou o seu primeiro livro “Terra do Pecado” e posteriormente ficou sem publicar quase vinte anos. Em 1966, retomou a sua atividade de escritor publicando a sua primeira poesia. Considerado o criador das letras, uma personalidade ouvida em todo o mundo, criou uma forma poética própria, a sua escrita é identificável sem conhecimento da sua assinatura, cuidado poético muito acentuado. José Saramago recebeu em 1998 o Prémio Nobel da Literatura e nesse mesmo ano o Presidente da República Jorge Sampaio concedeu-lhe o Grande Colar da Ordem de Santiago da Espada, distinção reservada tradicionalmente a chefes de Estado. As obras do escritor encontram-se publicadas em mais de cinquenta países e traduzidas em quarenta e duas línguas.

A Casa – Museu: Este espaço fora a escola primária da aldeia, não sendo o espaço habitacional do escritor, apresenta uma recolha de objetos da casa de seus avós, onde o escritor vivera e que marcara a sua vida, apresentando-se a cama dos avós, da qual o escritor se refere, assim como a arca das favas. O espólio fotográfico regista diferentes momentos de publicações e criação de obras. A museografia optou por dar destaque à região reconstituindo uma cozinha característica da época. O espaço museológico apresenta diversas obras de José Saramago num diálogo com outros objetos que contam a vida do escritor. Está igualmente patente um espaço de exposição temporária, uma biblioteca, uma livraria e um auditório. A fotografia é igualmente parte integrante na coleção da Casa-Museu do Cadaval.

15. Museu Júlio Dinis

Localização: Rua Júlio Dinis, Ovar

Ocupação da casa: 5 meses entre maio e setembro de 1863

Abertura ao público: 1996

Tutela: Câmara Municipal de Ovar

Diretor/Técnico responsável: António França

Coleções: azulejaria, pintura, objetos pessoais e de uso quotidiano, mobiliário

Espaços disponibilizados ao público: percurso museológico no piso térreo

Tipo de atividades: visitas guiadas

O Escritor: Joaquim Guilherme Gomes Coelho nasceu no dia 14 de novembro de 1839 no Porto e faleceu no dia 12 de setembro de 1871 no Porto. Conhecido pelo pseudónimo Júlio Dinis foi médico e escritor português. Terminou o curso de medicina com distinção na sua cidade natal, mas pouco tempo depois problemas de saúde obrigaram-se a afastar-se da sua profissão. Considerado pelos críticos o romancista português mais sentimental e afetuoso, que se transcrevia numa prosa limpa e sincera. A sua obra mais sonante “As Pupilas do Senhor Reitor” de 1871, que justifica a abertura da casa – museu em Ovar, teve diversas recriações em cinema e teatro. Como padecia apenas com 31 anos de idade a sua bibliografia não é extensa. Foi o criador do romance de campo, inspirado por factos verídicos mundanos, que atribuem naturalidade às personagens das suas obras. O escritor que via o mundo de uma forma otimista coloca a sua obra sentimental entre o romantismo e o realismo. Um último facto interessante acerca do romancista é que tinha um segundo pseudónimo muito peculiar, Diana de Avelada, com o qual também assinou obras e pequenas publicações.

A Casa – Museu: O museu tem como objetivo valorizar a passagem do escritor pela região e a importância que esse período teve na sua obra. Abordam-se duas questões museológicas, a Casa dos Campos e o escritor. Está patente na casa um conjunto de elementos do século XIX que recriam a época, como objetos de uso pessoal e utensílios do quotidiano. Uma pequena habitação, em que o curador refere a cozinha como a alma da casa, pois para além de ser o espaço de convívio principal, foi também o local físico que o escritor explorou para reunir um conjunto de informações e detalhes apresentados nas suas obras, principalmente “As Pupilas do Senhor Reitor”. Esta obra foi escrita pelo autor sob inspiração de acontecimentos do quotidiano da região que recriam momentos de época na sua obra. No caso de Fernanda Botelho o local de inspiração fora o jardim.

16. Casa da Liberdade – Mário Cesariny

Localização: Rua das Escolas Gerais, Lisboa

Ocupação da casa: nunca, escolha do local pelo próprio

Abertura ao Público: 2013

Tutela: Coletivo Multimédia Perve, detentor da Perve Galeria

Diretor/Técnico responsável: Carlos Cabral Nunes

Coleções: Artes visuais, cénicas, decorativas e documentais

Espaços disponibilizados ao público: exposições de três artistas surrealistas, para além de Cesariny, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas e Isabel Meyrelles

Tipo de atividades: Exposições temporárias, apresentações audiovisuais, performances e palestras

O Escritor: Mário Cesariny de Vasconcelos nasceu em Lisboa a 1923 e faleceu na mesma cidade em 2006, aos 83 anos. Foi poeta e pintor, considerado o principal representante do surrealismo em Portugal. Formou-se na Escola de Artes Decorativas António Arroio e posteriormente na Academia de La Grande Chaumière, em Paris, onde conheceu André Breton, em 1947. De regresso a Lisboa, colabora com os poetas António Pedro, José-Augusto França, Fernando de Azevedo e Alexandre O'Neill, fundando o Grupo Surrealista de Lisboa. A sua poesia caracteriza-se pela contestação de comportamentos e princípios institucionalizados, recorrendo a processos surrealistas como enumerações caóticas, o sem-sentido, o humor negro, formas paródicas, trocadilhos e automatismos, equilibrando a sua linguagem entre o quotidiano e o insólito.

A Casa Museu: A casa foi inaugurada sob inspiração de uma frase que Mário deixou escrita numa das suas obras “Amo como a estrada começa”. O local que alberga a presente casa museu foi escolhido pelo artista e poeta e a sua denominação ilustra bem a sua forma de pensar e a forma como produzia arte e escrevia poemas, sob uma liberdade implícita sem que limites da imaginação sejam impostos, inserindo a sua obra artística e literária no período surrealista. O objeto decorativo mais emblemático presente no espaço museológico é a porta da casa do escritor. O espólio artístico e literário acessível ao público reúne diversas obras artísticas como pinturas, e literárias, poemas e documentos. Apresentam-se bens artísticos que se intitulam “Evocando Mário Cesariny” e exhibe-se um documentário “Momentos na Vida de Um Poeta” protagonizando a vida e obra de Cesariny. O apoio digital poderá ser pensado para futura integração do presente estudo de caso de Fernanda Botelho.

17. Casa – Museu Miguel Torga

Localização: Rua Fernando Pessoa, Coimbra

Ocupação da casa: mais de 40 anos depois de mandar construir a própria casa

Abertura ao público: 2007

Tutela: Câmara Municipal de Coimbra

Diretor/Técnico responsável: Câmara Municipal de Coimbra

Coleções: algumas das primeiras edições das obras de Miguel Torga, diversos objetos pessoais, documentos, fotografias, mobiliário, cerâmica, pintura, escultura e obras de arte que representam o próprio escritor.

Espaços disponibilizados ao público: exposições temporárias

Tipo de atividades: visitas guiadas, Roteiro Miguel Torga, programas sazonais

O Escritor: Adolfo Correia da Rocha nasceu a 12 de agosto de 1907 em São Martinho de Anta – Vila Real e faleceu em Coimbra no dia 17 de janeiro de 1995. Importante escritor português do século XX, foi poeta, contista, ensaísta, romancista e dramaturgo, publicando em vida mais de 50 obras. Depois de emigrado no Brasil por poucos anos, regressou a Portugal, onde estudou medicina em Coimbra. Mesmo antes de terminar a licenciatura publica os seus primeiros poemas. Volta à sua terra natal onde inicia a sua carreira de médico, em consonância com a escrita. Uma pessoa de carácter introspetivo não frequentava meios sociais e isolava-se em casa, revelando, pelas palavras das suas obras, os seus medos interiores, e por outro lado, a revolta contra as injustiças políticas de seu tempo. As suas obras foram traduzidas em diversas línguas e foi nomeado para o Prémio Nobel da Literatura. Foi presenteado com muitos prémios, dos quais o Prémio Diário de Notícias em 1969, o Prémio Camões em 1989, Prémio Personalidade do Ano em 1991, o Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores em 1992, o Prémio da Crítica, que consagra a sua obra em 1993 e por dois outros prémios internacionais. Fernanda Botelho foi igualmente premiada por diferentes obras literárias. A Casa – Museu: A musealização teve como principal componente a pedagógica, refletindo a personalidade do escritor, determinante na construção da casa, com espaços definidos por ele, em que, a distribuição dos espaços respeita a sua personalidade. O Escritório foi definido como parte emblemática da casa, onde se encontram as primeiras edições das suas obras e o local de descanso entre criações literárias. Peças de arte decorativas como pintura e escultura. O quarto do escritor é hoje um espaço de exposições temporárias com objetos de outros escritores presentes junto de correspondência trocada entre Miguel Torga e seus amigos literários.

18. Casa de Pascoaes

Localização: Gatão, Amarante

Ocupação da casa: entre 1913 e 1952

Abertura ao público: desconhecida

Tutela: instituição privada

Diretor/Técnico responsável: instituição privada

Coleções: espólio literário do poeta, biblioteca, secretária do escritor com material de trabalho, peças de arte decorativa e objetos da vida quotidiana, cozinha e quartos com decoração de época

Espaços disponibilizados ao público: fonte dos silêncios, mirante, fonte dos golfinhos

Tipo de atividades: visitas guiadas, exposição temporária

O Escritor: Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos – Teixeira de Pascoaes, nome literário, nasceu a 2 de novembro de 1877 em São Gonçalo, Amarante, e faleceu a 14 de dezembro de 1952 no Solar de Pascoes em Gatão, Amarante. Em Amarante escreveu os seus primeiros versos, e posteriormente em Coimbra. Ainda na sua terra natal com apenas 17 anos publicou o seu primeiro livro “Embriões” em 1895. Caraterizado pelos colegas de Coimbra, como um homem de caráter intimista e misterioso passava grandes períodos de tempo fechado no quarto a escrever. Após terminar o curso de direito regressa a Amarante onde começa a exercer. Abandona a profissão com apenas 36 anos e refugia-se no Solar de Pascoaes, na procura de uma vida solitária, onde se dedicou por completo à sua obra literária, onde vive até ao final da sua vida. A partir desse período escreve versos em defesa da pátria nacional, mostrando um enorme caráter nacionalista presente em diversas obras numa busca pela ressuscitação da pátria fora apelidado como o “mentor do saudosismo”, pois era através da saudade que se expressava.

A Casa – Museu: O Solar de Pascoaes foi mandado construir no século XVII por seu avô paterno, situado perto do rio Tâmega com vista para a Serra do Marão. Durante as invasões francesas sofreu grandes perdas, devido ao fogo que se deflagrou. A casa sofreu obras de remodelação que respeitam o projeto inicial. Retira-se para Amarante com o intuito de escrever obras literárias como “O Pobre Tolo”. O território de Pascoaes é o espaço de representação da sua obra e as paisagens que envolvem a casa foram fonte de inspiração, onde constrói uma obra poética que marca o seu trabalho literário. O percurso desenvolve-se pelo jardim com a fonte dos silêncios, a fonte dos golfinhos e o mirante na habitação a cozinha, o quarto e o escritório conservam a memória do escritor. Fernanda Botelho procurou igualmente uma vida solitária nos últimos anos de vida.

19. Casa – Museu Vasco de Lima Couto

Localização: Constância

Ocupação da casa: anos 70 e últimos quatro anos de vida entre 1976 e 1980

Abertura ao público: 1981 inaugurado por Ramalho Eanes

Tutela: José Ramoa Ferreira

Diretor/Técnico responsável: José Ramoa Ferreira

Coleções: Objetos pessoais de Lima Couto, correspondência trocada entre amigos, rica coleção de arte constituída por mobiliário e pintura, tapeçaria, objetos de escritório

Espaços disponibilizados ao público: biblioteca, jardim

Tipo de atividades: visitas guiadas

O Escritor: Vasco de Lima Couto nasceu a 26 de novembro de 1924 no Porto e faleceu a 10 de março de 1980 em Lisboa. Foi poeta, ator, encenador, declamador e radialista. O seu trabalho apresentava reflexões próprias de sua época, um pensador cultural e social. Iniciou a sua vida artística como ator percorrendo todo o país, contando com a representação em mais de quatro dezenas de peças de teatro. Vive em África durante alguns anos onde trabalha em rádio com diferentes programas. No seu regresso a Portugal dedica-se à poesia, onde escreve e declama as suas obras e também as ouve em canções de fado. O próprio afirmava que todas as áreas às quais se dedicou a poesia foi a única que o acompanhou toda a vida e com a qual terminou a sua carreira.

A Casa – Museu: O edifício apresenta características de um palacete de finais do século XVIII, onde se destacam as cantarias e as varandas com grades de ferro forjadas. A casa conserva artes decorativas, mobiliário, pintura e azulejaria. Fora habitação de Lima Couto durante alguns anos, onde se conservam objetos pessoais e de uso do quotidiano, assim como, algumas das suas obras literárias. O edifício albergou diversas personalidades da época. Propriedade de José Ramoa, amigo do escritor, que após o seu falecimento a transformou em Casa – Museu. Lima Couto homenageou o seu amigo, a quem chamava “Zé Brasileiro”, através de vários versos que compõem os seus poemas. A sala de jantar conserva a toalha de mesa em veludo que fora utilizada durante a estadia do general Junot em pelas Invasões Francesas. A casa – museu expõe diversas coleções de artes decorativas, como pinturas originais assinadas, como também, o espólio de obras literárias, que apresentam muitas dedicatórias associando-se a uma vivência passada naquele mesmo lugar. As fotografias contam a história e os cerca de mil poemas de Lima Couto permitem conhecer o escritor e vivenciar o espaço. Uma casa que se construiu com memórias transportadas de outros sítios, o mesmo se verifica na Casa do Cadaval.

20. Casa Vitorino Nemésio

Localização: Rua de São Paulo, Praia da Vitória, Ilha Terceira

Ocupação da casa: escritor nasceu no local em 1901, infância

Abertura ao público: 2007

Tutela: Câmara Municipal da Praia da Vitória

Diretor/Técnico responsável: Câmara Municipal da Praia da Vitória

Coleções: fotografias, objetos ligados à vida e obra do autor, cozinha tradicional dos Açores, trabalhos em cantaria.

Espaços disponibilizados ao público: espaço museológico interpretativo e de estudo de vida e obra do autor, sala de informática, sala multimédia e sala de leitura.

Tipo de atividades: visitas guiadas, apresentações e recitais, sessões pedagógicas

O Escritor: Vitorino Nemésio Mendes Pereira da Silva nasceu 19 de dezembro de 1901 na Praia da Vitória, Açores e faleceu a 20 de fevereiro de 1978, em Lisboa. Durante a sua adolescência veio para Coimbra onde mais tarde viria a iniciar os de Filologia Românica que posteriormente terminou em Lisboa. Na capital tornou-se professor de literatura e a sua carreira durou cerca de quatro décadas. Lecionou também na Bélgica e no Brasil. Foi autor e apresentador do programa televisivo “Se bem me Lembro”, que o tornou popular. Considerado um grande escritor do século XX recebeu o Prémio Nacional da Literatura em 1965 e o Prémio Montaigne em 1974.

A Casa – Museu: O espaço museológico pretende expor um estudo acerca da vida e obra do autor, onde é possível conhecer traços de personalidade de um dos escritores que marcaram o século XX. Os espaços expositivos de audiovisuais são um marco da casa pois exibem programas televisivos que Vitorino protagonizara como “Se bem me lembro”. A sua obra literária encontra-se patente ao longo de todo o percurso museológico, assim como, objetos pessoais e de uso quotidiano, e uma coleção de artes decorativas, principalmente de painéis ilustrativos de época que representam a Praia da Vitória, que enquadram algumas das suas obras literárias. A cozinha é um dos espaços que permite conhecer a vivência de um dia-a-dia do século passado. A sala de informática presente no museu permite a pesquisa direcionada para a vida e obra do escritor, onde se estabelece ligação com o Centro de Estudos Nemesianos da Universidade dos Açores. A sala multimédia apresenta vídeos acerca da obra literária, destacando “Mau tempo no Canal” uma obra ímpar que retrata a sociedade açoriana de época e é um marco desta casa – museu. Por último a sala de leitura apresenta a obra completa de Vitorino Nemésio. Na biblioteca de Fernanda Botelho também se apresentam todas as suas obras.

III. A CASA – MUSEU FERNANDA BOTELHO

III.I. INTRODUÇÃO

O panorama museológico português tem sofrido alterações nos últimos anos, no que diz respeito às Casas – Museu, representando um papel fulcral na defesa do património cultural nacional. Este tipo de instituição necessita de ser conservada face à linha original do edifício que mantém viva a personalidade de quem lá vivera, neste caso de cada escritor. Neste sentido, o contexto habitacional e quotidiano tem de ser preservado respeitando a historicidade e a autenticidade de cada espaço. A conceção da Casa – Museu Fernanda Botelho irá permitir a preservação do património literário da escritora, assim como, a conservação do seu espaço habitacional, onde vivia e produzia as suas obras, pretendendo-se que o modo como a escritora habitou o edifício seja preservado durante a sua constituição como espaço público, de forma a que se apresente o espaço privado, em que seja possível identificar a aura de quem o habitou e que seja cuidado numa memória coletiva.

Em Portugal são apresentadas hoje em dia diversas Casas – Museu que foram sendo constituídas ao longo dos últimos anos, de tal forma que estabelecem um marco no enquadramento museológico. A museologia defende a conservação e a preservação de obras de arte e este tipo de instituições concretiza essas tarefas de forma exemplar pois realiza um trabalho de estudo e de atuação que permite a salvaguarda de um enorme espólio patrimonial português. As Casas – Museu são constituídas com o intuito de celebrar uma determinada personalidade que se destaca em diversos meios, no presente caso particular, no campo literário. Ao criar um projeto museológico para o presente caso de estudo é possível destacar a vida e obra de Fernanda Botelho. Por vezes, este tipo de espaço museológico é menosprezado, contudo somente através da sua formação é possível dar a conhecer o modo de vida, os gostos pessoais, a educação e o meio social em que cada uma destas personalidades se enquadraria no seu tempo. Ao conhecer o espaço pessoal em que a escritora vivia o seu dia-a-dia é possível compreender a forma como cada espaço era vivido e sentir a “aura” da personalidade revelada através dos seus objetos pessoais.

Na elaboração de um plano museológico, que permita a transformação da habitação em museu, é necessário que a tipologia da casa seja definida como fio condutor. Desta forma apresentam-se em seguida diversas tipologias de Casas-Museu.

No ano de 1934 a revista “*Museion do office international des musées*” publicou um artigo referente ao tema que distingue três tipologias de Casas – Museu: a casa de

interesse biográfico expõe uma coleção que pode conter manuscritos, correspondência, escritos, biografias, desenhos, recortes de publicações, objetos pessoais, medalhas ou outro tipo de objeto de interesse literário; a casa de interesse social definida como uma coleção que poderá conter objetos reveladores da vida quotidiana dos ocupantes, cartas, quadros, objetos pessoais, vestuário, jogos ou brinquedos que indiquem o tipo de vida social, assim como, a classe social onde a personagem se inseria; e a casa de interesse histórico local, sendo uma coleção com objetos de diversos períodos e destinados a numerosos usos, como armas, uniformes, utensílios agrícolas, arquivos municipais e rurais ou jornais que representa um marco para a região e para a população onde a habitação se insere.

Posteriormente no ano de 1985, Georges Henri Rivière e Gilbert Delcroix apresentam um novo conceito de casa histórica e dividem-no em três categorias tendo em conta o tipo de ocupação: Museus – Palácio e castelos de soberanos; Palácios, Castelos e Casas privadas como ainda Casas notáveis, incluindo casas de pessoas célebres: escritores, artistas e sábios. A definição de casa rural é igualmente explorada sendo apresentada de acordo com a natureza dos seus edifícios de produção e equipamentos tradicionais, de preferência em funcionamento.

O estudo acerca das Casas – Museu é aprofundado por Rosanna Panovi e Ornella Selvafota, em 1997 com a publicação “Habitar a história: a casa histórica – museu”. Para as autoras, a casa é histórica quando é atribuído algum significado ou valor particular relativamente à sua arquitetura, aos seus habitantes ou a acontecimentos ou factos relacionados com a sua existência. Todas as casas independentemente da sua natureza podem ser históricas. É de salientar que embora algumas sejam consideradas exemplares extraordinários, tal facto não as transforma em museus. A casa é museu quando se enquadra na definição exposta na Lei-Quadro nº47/2004 de 19 de Agosto.

No ano de 1993, o autor Sherry Butcher – Younghans publica “*Historic Houses Museum*” onde apresenta três novos conceitos: a casa – museu documental definida como a que elabora e apresenta uma crónica de vida de um indivíduo ou um relato de um acontecimento histórico importante relacionado com um ou mais personagens, a partir de um conjunto de objetos e espaços originais ou não musealizados, tendo como referência a sua disposição durante um período específico de ocupação do edifício residencial; a casa – museu representativa reconstrói ambientes ilustrando um modo de vida, um estilo arquitetónico, uma moda decorativa ou um determinado período da história, através de peças originais adquiridas ou realizadas para o efeito que não formavam previamente um

conjunto com o edifício onde são expostas, nem pertenciam aos seus anteriores proprietários, concentrando-se num género de vida e não na vida de um personagem; e a casa – museu com estética definida pelo facto de expor coleções privadas de artes decorativas, mobiliário ou antiguidades de várias épocas, servindo a casa apenas de expositor de coleções cujos objetos possuem um valor próprio sem relação direta com a história do edifício ou dos seus habitantes, podendo também ser casas com características arquitetónicas particulares que merecem ser visitadas.

Posteriormente no ano de 2002, Rosanna Panovi retorna o estudo sobre o assunto e apresenta dois novos conceitos: a casa-museu descritiva como uma habitação praticamente completa e intacta permitindo elaborar um discurso de transmissão automática a partir dos espaços e objetos existentes. O interesse pela aproximação material e concreta do quotidiano alheio, conheça-se ou não o habitante, dispensa qualquer ficção ou artifício, arriscando, pela descrição, a sobrevalorização do conjunto e a desvalorização de certos elementos expostos. A casa é o enquadramento natural para o desenvolvimento da ação museológica, a descrição é a astúcia que dá o efeito de real e renova o discurso ao longo do tempo. Como segundo conceito apresentou a casa – museu interpretativa criada para representar um personagem, um período artístico, um estilo de vida ou um facto histórico sendo um instrumento utilizado para a apresentação e desenvolvimento de um tema. O discurso é objeto e objetivo. O lugar outrora habitado acolhe o discurso, os espaços e as coleções que o ilustram *“with the help of the house and its rich array of objects, symbols and conventions, it is possible to convey to the visitor a simplified approach to history, art and architecture, because houses, however resplendent, are part of everyone’s common experience.”*¹⁶

Apresentam-se diversos conceitos associados a este tipo de instituições, como os de enfoque ambiental, de contexto social, de enquadramento do imóvel ou de valores de coleções. Diversos fatores devem ser postos em causa na constituição de uma Casa – Museu, pois todos os pormenores de diferentes naturezas são fulcrais na elaboração de um projeto que respeite a originalidade do que fora uma habitação. A celebração da vida de uma certa pessoa é possível tendo em conta todas as envolvências a que o indivíduo esteve exposto ao longo do seu tempo de vida. Todos estes valores estão associados a conceitos formais que permitem justificar os motivos que levam à criação de uma Casa – Museu. O caráter expositivo que a casa adquire padece de um tratamento cuidado que

¹⁶ PAVONI, Rosanna, *Towards a Defenition and Typology of Historic House Museums*, in Museum International, vol. 53 n°2, Unesco, Paris, 2002. (p.17)

não interfira com a disposição original dos objetos do quotidiano e que exponha fielmente as rotinas diárias da escritora que habitou o imóvel.

O plano museológico é traçado segundo diversos fatores e sob um caráter objetivo diferenciador, que importa ser tratado para que a Casa – Museu seja eficaz a todos os níveis funcionais. As primeiras Casas remetem para o século XIX e aparecem em substituição daqueles que seriam os gabinetes de curiosidades, passando por diversas questões práticas, pelo seu êxito e aceitação junto do público, transmitindo conhecimentos numa perspetiva educacional e valorizando coleções, assim como, conhecimentos intimamente ligados à vivência histórica.

O próprio título deste tipo de instituição museológica conserva em si o caráter privado e público harmoniosamente. O conceito de casa retém uma compreensão privada, pessoal, uma essência íntima e um refúgio, em contrapartida a palavra museu por oposição carrega em si tudo aquilo que é público e partilhado. Um museu tem como objetivo primordial a receção de pessoas, a exposição ao público de peças e de conhecimentos. A Casa – Museu conserva em si o próprio edifício, as vivências quotidianas que podem ser experienciadas por outros pretendendo que o caso de estudo seja um espaço aberto ao público devendo envolver linhas originais que transmitam a importância que distingue a personalidade da escritora, devendo simultaneamente enfatizar a importância de quem outrora habitou aquele espaço. Sublinha-se a relevância que cada Casa – Museu tem, a nível nacional, regional e local justificando-se a sua abertura como uma instituição museológica, neste sentido, a região do Cadaval e da Vermelha será analisada em pormenor.

O ambiente doméstico é experienciado pelo público. O caráter pessoal deve ser musealizado no que diz respeito a rotinas quotidianas, à utilização de certos tipos de objetos e à ocupação de cada divisão da casa. A personalidade de quem habitou o edifício adquire destaque primordial pois a casa é intitulada com o seu próprio nome, no presente caso de estudo “Casa – Museu Fernanda Botelho”, em que o público ao visitar este género de museus presenciara os costumes da época em que a pessoa vivia, o ambiente habitacional, o contexto social e económico em que se inseria, assim como os gostos pessoais e a envolvimento educativa, sendo possível identificar a sua presença traçando um perfil na atmosfera de cada espaço outrora habitado.

1. A CASA DA ESCRITORA

1.1.O OBJETO LITERÁRIO DE FERNANDA BOTELHO

Fernanda Botelho surgiu, no panorama da literatura portuguesa, nos anos 50, com a publicação de poemas em revistas e jornais como *Távola Redonda* (revista de poesia), *Graal*, *Europa*, *Panorama*, *Tempo Presente* e *Diário de Notícias*, editando o seu primeiro livro, no ano de 1951, através da primeira revista citada. Posteriormente verifica-se que existe um maior número de obras literárias ficcionárias publicadas, contudo é importante sublinhar como a sua primeira manifestação enquanto poetisa marcou o seu percurso literário, inserindo-se à posteriori a sua obra na ficção portuguesa contemporânea.

Diversos escritores da época refletiram o percurso de Fernanda Botelho, criticando o seu trabalho, como é exemplo de Álvaro Machado que afirmou “*parece-me que a novelística portuguesa contemporânea é, sobretudo, a novelística que, a partir dos anos 50, tendo-se libertado de um certo psicologismo estritamente europeu de entre as duas guerras, característico em grande parte dos ficcionistas da ‘Presença’ (1927-1940), bem como de um doutrinário social assaz e culturalmente muito limitado que caracterizou o neo-realismo dos começos (anos 40), abre caminhos diversos a partir de uma atitude essencialmente crítica e mesmo autocrítica.*”¹⁷ Entende-se que a denominação contemporânea compreende em si o período correspondente à reconstrução da Europa do pós-guerra tendo em conta as alterações implícitas em diversos contextos: político, social e cultural.

Do mesmo autor, acima citado, é possível analisar uma nova referência: “*Fernanda Botelho faz a autocrítica de geração através da ironia, uma ironia extremamente intelectualista*” e acrescenta “*um lirismo geométrico (ou de uma geometria lírica) bastante original que anuncia o essencial de toda a obra novelística da autora em poucas palavras: A geométrica forma de meus passos/Procura um mar redondo*”, fazendo referência à obra “*As Coordenadas Líricas*”.¹⁸

O contexto social e político dos anos 60, onde se insere parte do trabalho da escritora, justifica o rompimento de imposições estabelecidas até então, aproximando a sua exploração literária da designada ficção portuguesa.

A crítica literária é prosseguida por Carlos Reis que define a época permitindo entender a obra de Fernanda Botelho como “*uma certa desagregação do romance,*

¹⁷ MACHADO, Álvaro, *A Novelística Portuguesa Contemporânea*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1984. (p.24)

¹⁸ *Ibidem*, p.70.

*enquanto género internamente coeso, combina-se cada vez mais com o culto da dispersão discursiva, com especial incidência no plano temporal; e a personagem, ao perder a nitidez de contornos herdados do realismo crítico, remete, na sua fluidez, para um sujeito em acentuada crise social e ideológica.”*¹⁹ Numa linha de pensamento onde se encaixa a ideia crítica de Álvaro Machado, anteriormente referido, que analisa a geração da década de 50 como uma experimentação estética numa busca efusiva por novas formas e a da década de 60 sob influência do “*nouveau roman*” e pelas teorias estruturalistas, concluindo que a experiência resulta num trabalho final pessoal e complexo.

O traço literário da escritora pode ser identificado no estudo de Foucault sobre a pós-modernidade que centra a sua atenção em quatro fatores: a organização do texto de forma descontínua, fragmentada e arbitrária; a rutura das margens, fronteiras e convenções de géneros literários e a transgressão dos limites entre ficção e não ficção; no surgimento de um sujeito descentrado, disperso, sob uma identidade contraditória que se institui através da linguagem; na ambiguidade de focalização e na variação das instâncias narrativas e narradores múltiplos.

Na última obra da escritora “Gritos da Minha Dança” esta apresenta reflexões que permitem conhecer o sentimento linguístico numa última fase de vida. “*As palavras são como o pão e o vinho da minha lavra e da minha fantasia. As palavras são o meu respiradouro, a minha inocência reencontrada, a minha luz nos desvios do infinito presente.*”²⁰

A análise do foco narrativo na obra de Fernanda Botelho analisa-se com base em conceitos teóricos e nas mudanças da arte e literatura do século XX. A arte de narrar, segundo o crítico Walter Benjamin, é tida como artesanal que se perdeu na modernidade desvanecendo-se na visão dos personagens, ao passo que, o filósofo Theodor Adorno aprofunda esta reflexão afirmando que o narrador contemporâneo é fulcral no enredo de um romance, pois este acompanha o desenvolvimento da história literária, o mesmo se sucede na leitura da obra da escritora, em que o narrador é definido de forma distinta em cada título, seguindo a trama do romance alterando a dinâmica estética individualmente.

¹⁹ REIS, Carlos, *Trajectos e sentidos da ficção portuguesa*, Biblioteca Digital Camões, 2007. p.35

²⁰ BOTELHO, Fernanda, *Gritos da Minha Dança*, Presença, Barcarena, 2003. p.52.

1.2.MOTIVOS PARA A CRIAÇÃO DA CASA – MUSEU

Os motivos que justificam a abertura de uma Casa – Museu apresentam-se de diversas ordens, indo ao encontro de ideologias de carácter pessoal ou institucional, que se prendem com uma homenagem que irá enriquecer o património cultural nacional. A vida de um personagem é celebrada, legitimando a sua memória e transformando o domínio privado em público consagrando uma memória específica.

A atribuição da especificação museológica a uma casa de um determinado escritor pode acontecer com base naquilo que o próprio realizou em vida e sob o impacto que teve na sua época e que deixou às gerações precedentes.

Pretende-se através da metamorfose museológica que a personagem seja conhecida junto do público pela exposição da sua realidade quotidiana, do seu modo de vida e do seu trabalho, de forma a que seja criada empatia entre o escritor e o visitante. No presente caso, a legitimidade da vida e obra da escritora é desmistificada através da apresentação da sua biografia e bibliografia que justifica a partilha do espaço com os seus leitores e curiosos.

Maria Fernanda Botelho de Faria nasceu a 1 de dezembro de 1926, na cidade do Porto, e faleceu a 11 de dezembro de 2007, em Lisboa. A sua árvore genealógica conta com familiares como Camilo Castelo Branco e a Abel Botelho. Iniciou os seus estudos em Coimbra, na área de Filosofia, tendo-os concluído em Lisboa.



Figura 2-Fernanda Botelho, publicação do Jornal Público de agosto de 2017²¹

Após a sua graduação manteve-se na cidade de Lisboa onde iniciou a sua carreira junto das letras com a revista Távola Redonda em colaboração com o poeta e

²¹ LUCAS, Isabel, *Fernanda Botelho, o ressurgir de uma audaz ironia*, Jornal Público, publicado a 12 de agosto de 2017 em www.público.pt, consultado a 13 de julho de 2018.

romancista David Mourão-Ferreira e o poeta Luís de Macedo. Esta revista marcou a literatura portuguesa dos anos 50, publicada pela primeira vez em 1950 e que resistiu durante quatro anos, dividindo-se por vinte edições. O objetivo da sua criação era oferecer à poesia portuguesa algo de novo numa procura pela verdade e a pureza do lirismo, por esse motivo as suas edições apresentavam um cariz técnico literário exigido aos poetas que as redigiam, as criavam em liberdade e as admiravam criticamente, criando uma revista literária que pretendia colocar um fim à poesia impura de cariz social.

Na sua carreira destacam-se também outros projetos coletivos como a colaboração com as revistas e os jornais: *Europa*; *Graal*; *Panorama*; *Tempo Presente* e *Diário de Notícias*, e com a televisão com o programa *Convergência*.²²

Na literatura estreou-se como poetisa, embora se tenha distinguido principalmente como romancista, apresentando a sua primeira obra em 1956 “O Enigma das Sete Alíneas”, contando a sua bibliografia com onze romances, dos quais: “O Ângulo Raso” de 1957; “Calendário Privado” de 1958; “A Gata e a Fábula” de 1960; “Xerazade e os Outros” de 1964; “Terra sem Música” de 1969; “Lourenço é Nome de Jogral” de 1971; “Esta Noite Sonhei com Brueghel” de 1987; “Festa em Casa das Flores” de 1990; “Dramaticamente Vestida de Negro” de 1994 e “As Contadoras de Histórias” de 1998.

Das obras acima mencionadas destacam-se: “A Gata e a Fábula” que lhe valeu o Prémio Camilo Castelo Branco, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores; “Esta Noite Sonhei com Brueghel” valorizada pelo Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários; o Prémio Municipal Eça de Queirós, atribuído pela Câmara Municipal de Lisboa, pela obra “Festa em Casa das Flores”; por “Dramaticamente Vestida de Negro” foi congratulada com o Prémio PEN do Clube Português de Ficção e recebeu ainda com a sua última obra “As Contadoras de Histórias” o Grande Prémio de Romance da Associação Portuguesa de Escritores.

A sua escrita caracteriza-se pela utilização de recursos estilísticos como a ironia e o sarcasmo exercendo uma crítica a acontecimentos do seu tempo, considerada por contemporâneos como uma pessoa árida e anti lírica, a sua escrita cativa o público pelo seu carácter irreverente que a distingue de outros escritores da época.

Sendo uma escritora dos anos 60 tratou de forma pioneira a questão do lugar da mulher na sociedade portuguesa, apresentado por vezes traços feministas, estando esta

²² ALMEIDA, Anabela, *Fernanda Botelho (180°)*, Panavideo, RTP Notícias, 2005, rtp.pt consultado a 22 de fevereiro de 2018.

abordagem presente em diversas obras, equilibrando o pensamento racional com a liberdade artística.

O recurso a figuras de estilo como a ironia fez com que a sua escrita não fosse aceite pela sociedade, tendo em conta o contexto social e político em que se inseria, por este motivo, tornou-se uma escritora de elites, em que as suas obras não eram inseridas no seio da comunidade.

Em 1951, assume o cargo de secretária da delegação de Lisboa do Turismo Oficial da Bélgica, assumindo a direção anos mais tarde, sendo distinguida em Portugal com o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito e na Bélgica com a Ordem de Leopoldo I.

No ano de 2003, surge de forma inédita a obra “Gritos da Minha Dança” criada pela escritora nos seus últimos anos de vida, que representa uma recolha de textos que transmitem uma escrita diferente, apresentando novos traços literários, tratando-se do seu primeiro livro autobiográfico, criticando e refletindo questões mundanas, perfazendo um total de doze obras publicadas.

Fernanda Botelho destacou-se também como tradutora com a obra “O Inferno”, de Dante, em que lhe foi atribuída uma medalha pela Direção-Geral das Relações Culturais de Itália. Toda a obra da escritora merece um lugar de destaque na sua casa, que será enaltecida no desenho do percurso museológico, cada divisão da casa terá exemplares das primeiras edições de cada obra, que poderão ser observados, em que será sentida a nostalgia do passado, embora que por motivos de conservação apenas as edições mais recentes poderão ser consultadas.

A museologia será pensada em torno da obra da escritora, como igualmente da sua vida, e por esse motivo, todos os objetos de uso pessoal ou do quotidiano, assim como, bens artísticos colecionados pela personagem serão apresentados na Casa-Museu, justificando igualmente a sua criação, pois a mesma proporciona um meio de conservação dos objetos que foram colecionados.

1.3.O MUNICÍPIO DO CADAVAL

O edifício habitacional que se pretende que venha a ser transformado em espaço museológico situa-se no distrito de Lisboa, concelho do Cadaval, na freguesia da Vermelha. O Cadaval é caracterizado como um concelho rural de terceira ordem, situando-se no extremo norte do distrito em que se insere, no ponto de confluência com os dois distritos vizinhos: Leiria e Santarém. Nos limites geográficos, tendo em conta outros concelhos, situa-se Alenquer, Azambuja, Bombarral, Caldas da Rainha, Lourinhã, Rio Maior e Torres Vedras. Esta informação é relevante no decorrer da elaboração de uma rota turística que leve o público a visitar o espaço analisado no presente caso de estudo. O concelho do Cadaval é construído por dez freguesias, nomeadas por ordem decrescente a nível dimensional: Lamas; Pêro Moniz; Cercal; Alguber; Vilar; Peral; Cadaval; Vermelha; Figueiros e Painho.

O Município do Cadaval ocupa-se do dever cultural do Concelho, promovendo a região com percursos turísticos. A Câmara Municipal do Cadaval procedeu à elaboração de um sítio eletrónico disponível em linha, intitulado de “Cadaval Cativa”, no qual é disponibilizada informação útil, como a forma de chegar ao município, o posto turístico da região e contatos relacionados. O *site* promove a organização de uma visita disponibilizando diversos conteúdos como espaços gastronómicos, acomodações desde casas de campo a locais de campismo, espaços culturais e museológicos, atrações na natureza, património religioso, arqueológico e civil e também projetos de aventura que contemplam animação turística em atividades culturais e desportivas. No *site* é igualmente possível descarregar três tipos de documentos: boletins informativos de locais de interesse, circuitos pedonais e mapa do concelho.

Na freguesia da Vermelha, onde se situa a Casa de Fernanda Botelho, destaca-se a Igreja do Espírito Santo, um dos monumentos religiosos mais significativo, a nível artístico do concelho, pois detém no corpo da igreja um revestimento a azulejos do século XVII, assim como, um retábulo setecentista na capela-mor. A falta de cuidado e conhecimento resultou na destruição dos frescos que cobririam o teto da igreja, assim como, a retirada da escada de acesso ao púlpito prejudicou a cor de origem do sacrário que seria dourada, transformando-a em castanho após restauro descuidado. Na década de 60 a igreja mereceu especial destaque na apreciação da mesma que descreve todos os elementos decorativos. A Adega Cooperativa da Vermelha, ainda em funcionamento, distinguida com diversos prémios atrai a visita de distintos apreciadores.

1.4. A CONCEÇÃO DO LUGAR

A evolução de uma casa habitacional para museu requer a validação de processos que não devem ser banalizados, de modo a que a sua conversão seja realizada com sucesso, devendo ser seguidos procedimentos de inventariação, classificação e conservação do património imóvel, material e imaterial que compõem a casa. Após o levantamento da informação referente a cada conteúdo deve ser organizada, de forma, a que a casa-museu fique com um arquivo documental completo. Todos os métodos de intervenção carecem de um estudo profundo, evitando que o património seja vulgarizado, pois todas as reflexões técnicas e estratégicas devem ser analisadas causando uma existência harmoniosa.

A expressão simbólica provém de ações rigorosas e regulares em que se pretende que a memória da vida de uma pessoa seja prolongada, pelo envolvimento do espaço pessoal do quotidiano num sistema de recordação coletiva que irá conservar a existência de uma personagem, neste caso o espírito de Fernanda Botelho.

A conceção de um lugar deve primeiramente definir os termos de salvaguarda do património privado, dando início a um processo de musealização que o tornará público, conciliando cinco conteúdos indispensáveis que devem ser estudados em conjunto: a escritora; a habitação; o espólio; a estratégia que visa a transformação e as técnicas utilizadas para o efeito.

A formação de uma Casa-Museu permite a narração de uma nova história produto da importância atribuída a um personagem, a um lugar e a um conteúdo, pretendendo-se que seja eternizada, de forma, a impedir a sua dispersão, por meio do conhecimento público do espaço e integração no panorama cultural, para que exista financiamento que suporte as competências técnicas e científicas fundamentais para a sustentabilidade do lugar. A expressão simbólica da casa fundamenta-se através da exibição voluntária e involuntária, sendo a primeira realizada por iniciativa do próprio personagem, e a segunda iniciada pela família, amigos ou entidades públicas. O caso de estudo remete para a exibição involuntária devido ao falecimento da escritora, tendo a sua família a intenção de perpetuar a sua memória.

A adequação de um lugar remete para três tipos de momentos: o tempo de ação que reflete o motivo da exteriorização simbólica e o objeto de estudo do processo inicial da metamorfose; o tempo de incubação que corresponde à identificação, ao estudo, à conservação e à valorização de bens que representam vestígios do tempo de ação, e por

último, o tempo de comunicação que resulta na preparação, divulgação e compreensão do discurso museológico.

A reapropriação do espaço é determinada por diferentes mecanismos que funcionam como a base da adaptação do espaço habitacional a espaço museológico. Inicialmente analisa-se a validação que existe devido ao entendimento de uma unidade sólida, na qual o edifício e a coleção permanecem como o antigo morador os deixou, sendo notória a integridade do espaço, a conservação e a organização que necessitam de compatibilidade com as exigências museológicas, verificando-se condicionantes da forma, da dimensão, da disposição das salas e da organização dos objetos.

Ao contrário do que se apresenta no primeiro ponto, a distorção é uma validação falsificada pois a autenticidade não é detetável por motivos de sobreposição de um novo valor artístico face ao valor histórico. Esta distorção acontece devido a sucessivas alterações, embora que pouco significativas individualmente, sendo necessária uma manutenção constante do edifício e do seu espólio de forma respeitar os critérios de fidelidade perante a pessoa que o habitou, embora que por vezes, os critérios tenham de ser contornados devido a problemas técnicos como a integração de um percurso museológico.

Em oposição à distorção apresenta-se a retenção que se caracteriza pela conservação global de um conjunto de objetos, que se utiliza quando é notório um excesso de objetos expostos num espaço que dificultam a visita e impossibilitam a leitura de um plano museológico, por esse motivo, é necessário proceder a uma seleção detalhada de bens que devem figurar no espaço, acondicionando os restantes em espaços de reserva, correndo o risco de ser modificado o tempo de ação por serem retirados objetos do quotidiano. Desta forma, evita-se a sobreposição de peças, que adicionaria informações ao conjunto, que poderiam ser úteis para o entendimento do discurso, mas confusas durante o percurso museológico que é criado através da seleção de divisões da casa e objetos, destacando um tipo de coleção, que permita uma leitura coesa através da renovação do tipo de linguagem. A relação entre os espaços e os objetos pode ser alterada, dando lugar a uma reocupação que pode simular um contexto próximo do original.

Na conceção de um lugar recorre-se, por último, a uma evocação da “aura” da casa habitada pelo personagem que não permite a alteração do ambiente, o que concede um discurso que beneficia a experimentação, atribuindo um carácter interpretativo à Casa-Museu.

1.5.AS COLEÇÕES

A Casa-Museu Fernanda Botelho possui um espólio que carece de inventariação prévia, no que diz respeito a objetos do quotidiano e decorativos, contudo o património literário da escritora encontra-se inventariado ao cuidado do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em que o trabalho realizado por este mesmo centro permite a proteção dos dados contra eventuais perigos de conservação. Em qualquer Casa-Museu a coleção compõe-se primordialmente pelo conjunto de objetos de uso quotidiano doméstico presentes em todas as habitações, que vão de encontro ao gosto pessoal de quem as habita. As peças de artes decorativas representam de igual forma a apreciação pessoal de alguém, e pelas quais é possível determinar o tipo de classe social em que a pessoa se inseria através do seu valor. Na presente Casa-Museu destaca-se a coleção literária que conta com manuscritos, estudos literários, capítulos impressos e com as primeiras edições de cada obra.

O caso de estudo remete para a ocupação por parte de uma escritora, o que justifica a presença de outro tipo de objetos associados à sua vida profissional, como os que se encontram no antigo escritório, a secretária onde escrevia, a cadeira, onde se sentava, a luz do candeeiro que utilizava e até as próprias canetas com que escrevia. Este tipo de objetos permite definir um tipo de personalidade distinta, definindo também um tipo de gosto íntimo e profissional.

As coleções que são apresentadas nas Casas-Museu são definidas por diversas tipologias como: objetos de uso doméstico; objetos de utilização profissional; peças de arte e coleções etnográficas resultantes de um tipo de organização social local ou de uma recolha de conjuntos bibliográficos. As obras da escritora conservam-se neste tipo de conjunto, como também, todos os seus estudos literários associados ao estudo de cada obra. A peritagem de bens permite a avaliação dos objetos artísticos, em que se atribui um valor monetário a cada peça, porém numa Casa-Museu os objetos de uso pessoal detêm apenas um valor simbólico pelo contacto que existiu com cada personalidade definidor da importância do objeto.

A Casa-Museu que contempla, o edifício, o exterior, o interior e os objetos, possibilita diversas interpretações e narrativas do local, em que é possível a compreensão do modo de vida de uma personalidade. No presente caso, apenas através da contemplação de todos os espaços, é possível entender a mensagem que constrói o ambiente do lugar.

2. PLANO TÉCNICO

2.1.OBJETIVOS TÉCNICOS

A Casa-Museu Fernanda Botelho exerce um papel fundamental na preservação do património, não só artístico, como fundamentalmente literário. A salvaguarda da cultura está assente no projeto de musealização do presente edifício e do seu espólio. O projeto que ora se apresenta visa apresentar soluções de conservação e preservação para a obra literária da escritora, como também para os seus bens. A gestão do projeto de transição para uma instituição museológica é complexa, pois todo o edifício e suas divisões carecem de ser preservados numa condição próxima da original, de forma a respeitarem a apresentação da escritora no seu contexto habitacional e quotidiano.

A Casa-Museu pretende conquistar o público, apenas como recetor, mas essencialmente como interlocutor e, por esse motivo, os primeiros objetivos delineados são a forma como o museu é concebido e como é apresentado a quem o visita. No presente projeto é feita uma análise da futura instituição museológica perante outras já existentes, de modo a ser traçado um plano plausível que contemple os espaços e conteúdos da Casa-Museu. O plano contempla uma análise sobre os objetos presentes na casa, de modo a que sejam identificados e devidamente inventariados, evitando o seu desaparecimento e mantendo a organização do espólio que irá figurar aquando da sua musealização.

Diversas matérias são analisadas e estudadas para que exerçam um papel fulcral no plano museológico, como é o caso da elaboração de um plano de conservação preventiva, que evita o restauro das peças e que permite a salvaguarda de objetos únicos de valor sentimental que não se podem substituir. Os bens que compõem uma Casa-Museu detêm acima de qualquer outro valor, o valor sentimental que transmite a “aura” da personalidade que habitara a casa, sobrepondo-se a um valor monetário. O percurso museológico que será elaborado e apresentado assegura uma rota acessível a todo o público que pretenda visitar a Casa-Museu.

A musealização da última habitação de Fernanda Botelho e a metamorfose de um lar privado em espaço aberto ao público, é uma ambição que destacará a casa como um produto cultural, numa simbiose de um domínio doméstico, respeitando os contornos primordiais de uma habitação e a exposição de um modo de vida que se pretenda ser experienciado pelos indivíduos que a visitem. A comunicação será feita a partir do nome “Casa-Museu Fernanda Botelho” que facilitará a aquisição de apoios técnicos que irão permitir uma gestão do património cultural adequada. A imagem que se pretende ser

experienciada pelo público baseia-se num percurso biográfico em torno de um lar repleto de objetos de que transmitem a personalidade da escritora.

A divulgação cultural da Casa-Museu implicará a apresentação da biografia e bibliografia de Fernanda Botelho, sendo a análise da vida e obra da escritora o que sustenta a indicação de motivos para a musealização da sua casa. Todos os processos intrínsecos na metamorfose do museu enaltecerão o projeto final que contará a história da escritora, da casa e dos objetos que a completam. A importância atribuída a cada elemento subjetivo permite ao público a construção de uma imagem individual da escritora, criada individualmente por cada interpretação feita através da assimilação de um ambiente apresentado sob diversos objetos que fizeram parte do quotidiano de Fernanda Botelho.

A visita a uma Casa-Museu possibilita a criação de uma relação direta entre o público e a história de quem habitou a casa, traduzindo a função deste tipo de instituição museológica para um lado comunicativo que transmite as vivências de um certo personagem. O valor simbólico que uma Casa-Museu detém permite transmitir uma ideia cultural simplificada facilmente assimilada pelo visitante. A elaboração de uma folha de sala ou catálogo permite que o fio condutor da visita seja transmitido ao público, possibilitando o entendimento da mensagem museográfica, permitindo estabelecer uma ligação entre o público e o museu, assim como adicionar informação aos espaços expositivos.

O discurso da Casa-Museu constrói-se através do espaço físico, que contempla a entrada, o jardim, o edifício e todas as suas salas previamente estipuladas como parte integrante do percurso, dos objetos que figuram no interior e exterior do edifício, da exposição da personalidade da escritora transmitida através dos seus bens pessoais e de todas as coleções de artes decorativas presentes na trama museológica. O acompanhamento das visitas permite expor não somente aquilo que perpetua fisicamente na Casa-Museu como essencialmente contextualizar o público para um entendimento biográfico da escritora que habitara a casa e para um esclarecimento bibliográfico do seu trabalho que é um marco diferenciador na sua vida.

A Casa-Museu constitui-se por diversos tipos de património cultural, expondo o património imóvel, o material e o imaterial, transmitido num espaço de memória pessoal que se pretende ser assimilado em contexto pedagógico e científico, possibilitando o estudo da vida e obra da escritora aqui homenageada.

2.2.OBJETIVOS PEDAGÓGICOS

“Deves habituar os teus filhos a estudarem de um modo lúdico, ausente de qualquer constrangimento, com o objetivo ulterior de mais prontamente discernires a inclinação natural da sua personalidade”, Platão. O crítico e filósofo Herbert Read definido pelos seus contemporâneos como pioneiro, oferece novas propostas com a sua obra “A Educação pela Arte”, referindo que os pensamentos surgiram muito primordialmente com as reflexões de Platão fazendo-lhe diversas referências.²³

Anos mais tarde Domingos Moraes apresenta uma nova reflexão sobre o tema e utiliza o estudo de Herbert Read como exemplo, referindo que a educação artística tem como dever transmitir valores humanistas, espirituais e estéticos, propondo por esse meio o desenvolvimento equilibrado da personalidade através de ofícios de expressão artística promovendo a imaginação, a sensibilidade e a espontaneidade. A educação por meio da arte permite que sejam desenvolvidas capacidades sensoriais do indivíduo obrigando-o a criar um pensamento próprio com base em interpretações realizadas sem juízo de valores.²⁴

A Lei-Quadro dos Museus Portugueses rege-se por princípios da política museológica que ditam, entre outros temas, a importância que um museu exerce na formação de um indivíduo e na sociedade em que este se insere. Pode-se então ler que (Lei nº47/2004, de 19 de Agosto) “*O primado da pessoa, através da afirmação dos museus como instituições indispensáveis para o seu desenvolvimento integral e para a concretização dos seus direitos fundamentais.*” Sublinhando a importância que um museu representa na formação de uma pessoa afirmando-se que tornar os museus e as suas respetivas coleções acessíveis a todos, é a intenção de diversas organizações internacionais.²⁵

A evolução museológica abandona conceitos primitivos e abre espaço para a criação de outros, de entre os quais a conceção de uma identidade própria que se conecta com o indivíduo, sugerindo uma relação em conformidade com os elementos definidores da individualidade do museu e do público, permitindo uma conexão identitária entre

²³ READ, Herbert, *A Educação pela Arte*, arte & comunicação, edições 70, Lisboa, 1958. p.251

²⁴ DOMINGOS MORAIS, *Educação com, para e pela(s) arte(s)*, in *Educação pela Arte – Pensar o Futuro*, ACARTE, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992. p.17-25

²⁵ MINEIRO, Clara, *Mas as peças falam por si? A importância dos textos nos museus*, in *museologia.pt*, nº1, Instituto dos Museus e da Conservação, 2007. p.68-70

ambos.²⁶ A Casa-Museu inserida numa dinâmica criativa facilita a comunicação informal, defendendo um papel fundamental na propagação da cultura, definindo estratégias que suscitam interesse por parte do público, sendo criada uma maior abertura para receber a informação transmitida através do museu.

O papel educativo de um museu visa responder a certos objetivos impostos desde o início, sob os quais se pretende a divulgação da coleção, devendo ser promovido o gosto pela arte e pelo património contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, cognitivo e afetivo, pretendendo-se que o conhecimento, o respeito e a valorização de uma cultura diversa seja impulsionada pelo museu. No presente caso, a Casa-Museu pretenderá implementar a experimentação da arte e da literatura através de visitas mediadas que promovem a educação, orientando oficinas de expressão criativa, anteriormente realizadas, no entanto deve ser criado um espaço exterior à casa que permita o desenvolvimento de atividades pedagógicas, de modo a proteger a conservação dos elementos que constituem as coleções presentes no espaço museológico.

A Casa-Museu ao apresentar ao público um escritor, detém por si só uma forte componente pedagógica, que permite a compressão e análise de diversas obras desenvolvidas ao longo de uma carreira, que definem uma personalidade e uma forma de criação literária que se diferencia de todas outras, pois está implícito o carácter pessoal. A elaboração de um plano museológico permite a inclusão de diferentes tipos de conteúdos, como o literário, que vai de encontro com o objetivo pedagógico que se pretende ser conseguido em visitas direccionadas para este tipo de entendimento. Por esse motivo apresenta-se ao longo do percurso museológico as obras literárias da escritora, numa exposição de toda a sua bibliografia e numa análise do teor de cada obra. Importa compreender o estilo de escrita da escritora, de modo, a estabelecer uma relação entre o objeto literário e o espaço da casa, idealizando o carácter da escritora.

A mensagem que se pretende transmitir ao público desenvolve-se pelo conteúdo da casa, pela forma como se apresenta, e pelo modo como é apresentada, não podendo ser alterada, e respeitando o modo original de vivência deste espaço habitacional. A necessidade de acrescentar informação ao que se encontra exposto, é colmatada pela introdução de folhas de sala, anteriormente referidas, que permitem a captação de mais conteúdo e entendimento do espaço. Pretende-se que a folha de sala contemple excertos

²⁶ GUERREIRO, A., ASCENSÃO, E., NUNES, V., *Casa Fernando Pessoa e Casa Museu João Soares: dois casos distintos de intervenção num espaço de memória*, in Boletim Informativo da Associação Portuguesa de Museologia, Lisboa, 1999. p. 16-24

de textos de Fernanda Botelho, que sintetizem a essência da sua escrita e que permitam conhecer de uma forma mais profunda a matéria incluída em cada obra distinta. Ao realizar uma análise de fragmentos de diferentes livros é possível traçar um fio condutor que transmite a personalidade aplicada simultaneamente em todas as obras literárias.

A arte, entre muitas outras coisas, é segundo Herbert Read “*a base da educação*”, referindo-se à educação como o “*cultivo dos modos de expressão*”, numa reflexão assente simultaneamente na arte na educação surgindo a palavra “expressão” como conceito unificador dos termos, que une a componente literária do tipo de museu em estudo, assim como a arte, a educação e a literatura, que se conciliam através da expressão que caracteriza cada uma e que permite a comunicação entre todas para uma melhor compreensão.²⁷

O autor Francis Bacon é sugerido na discussão deste tema pois impõe novas alusões ao encargo pedagógico das coleções de arte com “A Nova Atlântida” em 1627, aludindo à Casa de Salomão frisando que era o local onde eram expostos os retratos de grandes inventores para que todos os cidadãos os pudessem observar, tendo sido a partir desta perceção pedagógica criado o primeiro museu de Belas Artes em França.

O serviço educativo é parte integrante de um museu ou de qualquer instituição museológica surgindo pela primeira vez no final do século XIX, na Alemanha, teorizado por Alfred Lichtwark, na altura diretor do Museu de Arte de Hamburgo, protagonizando o movimento de educação pela arte em toda a Europa, sob o entendimento de que o museu é um local para a educação cultural e artística dos indivíduos. Idealizando um conceito lançou duas obras em 1897 “*Die Kunst in der Schule*” (a arte na escola) e “*Übungen in der Betrachtung von Kunstwerken*” (exercícios na consideração de obras de arte). Nos Estados Unidos da América, os críticos Albert Barnes e Thomas Munro, afirmaram que o serviço educativo defende que a arte é capaz de civilizar e humanizar incitando as capacidades intelectuais, morais e estéticas do indivíduo. O museu como espaço público deve estimular o interesse intelectual, promovendo a pedagogia através do discurso utilizado com o intuito de ser entendido pelo público, nesse sentido o trabalho da Casa-Museu deve funcionar sob um objetivo pedagógico intrínseco visando a difusão da educação a partir do museu, interligando todas as componentes que o constituem, expondo a expressão artística e literária numa busca pela aceitação livre por parte do público.²⁸

²⁷ READ, Herbert, *A Educação pela Arte*, arte & comunicação, edições 70, Lisboa, 1958. p. 13

²⁸ FRÓIS, João Pedro, *Os Museus de Arte e Educação, Discursos e Práticas Contemporâneas*, in museologia.pt, nº2, 2008, pp.64-65.

2.3.OBJETIVOS CIENTÍFICOS

O projeto de musealização que se apresenta, não visa somente a exposição de objetos no espaço, como também proporciona o estudo biográfico e literário da escritora, por esse motivo pretende-se que seja criado um polo, físico ou desenvolvido através de uma plataforma digital, que permita acesso a esse estudo. A elaboração de uma folha de sala ou catálogo, facilita a divulgação da informação, de forma, a torná-la acessível a qualquer tipo de público interessado no seu estudo. A conceção de catálogos permite a publicação da bibliografia da escritora, como também a divulgação da reedição das obras, projeto atualmente implementado, que visa a promoção de toda a obra literária da escritora.

A exploração das potencialidades científicas com base no estudo da vida e obra da escritora, permite a integração de programas no âmbito da instrução do público, a nível formal e informal, alargando a abrangência de diferentes tipos de público que podem ou querem adquirir novos tipos de conhecimento. Ao facilitar o acesso a obras, possibilitando a consulta de exemplares devidamente estipulados para esse devido efeito, viabiliza-se a difusão do conhecimento com base num estudo biográfico. A investigação permite a alienação da literatura com a arte, associando-se obras literárias com objetos museológicos e desenvolvendo uma narrativa que depende da existência de ambas para o sucesso enquanto espaço de memória que descreve a história de vida de quem habitou a casa.

Uma Casa-Museu assume responsabilidades, associadas ao conteúdo expositivo, das quais: a preservação; a conservação; a exposição e o estudo. A elaboração de fichas de inventário, permite o estudo aprofundado de todos os objetos presentes na trama museológica, porém, a documentação carece de atualizações com informações que se adicionam ao longo da evolução do tempo. O facto da Casa-Museu apresentar uma estética de celebração de um literário, conquista o público pelo seu conteúdo biográfico intrínseco. A atenção, por parte de um público mais distante, pode e deve ser captada através de visitas mediadas e programas didáticos que auxiliam o estudo museológico e biográfico.

O panorama específico da Casa-Museu em estudo, apresenta diversos planos para integração durante o projeto de musealização, dos quais, um plano de estudos que debate a temática, o qual estará pronto a receber novas investigações que completem a informação já reunida.

2.4. APOIOS DE FINANCIAMENTO

Até à data a Associação Gritos da Minha Dança, entidade responsável pela futura abertura da *Casa-Museu Fernanda Botelho*, recebeu diversos patrocínios de entidades públicas e privadas.

A Fundação Calouste Gulbenkian, um habitual mecenas das artes, subsidiou o projeto de Conservação do Acervo Documental Fernanda Botelho, que compila todas as obras e permite uma pesquisa bibliográfica aprofundada acerca do tema. A Professora Doutora Paula Morão coordenou o projeto intitulado de *Textualidades*, pertencente ao grupo *Morphe* dirigido pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa. A associação assegura desta forma a preservação do arquivo literário da escritora na medida em que é estudado e conservado. O Centro de Estudos Comparatistas assegura ainda, o Protocolo de Cooperação para Formação Contínua de Docentes em conjunto com o Centro de Formação de Escolas do Oeste.

A passagem da escritora pela capital portuguesa afirmou o seu nome na cidade, e por esse motivo, a Câmara Municipal de Lisboa prestou uma última homenagem a Fernanda Botelho, através da transladação das suas ossadas para o Cemitério dos Prazeres onde jazem tantos outros ilustres da literatura de Portugal.

A casa da escritora localiza-se na Vermelha, pertencente ao concelho do Cadaval sendo esta de interesse para a autarquia. A Câmara Municipal do Cadaval estabeleceu com a Associação Gritos da Minha Dança um Protocolo de Cooperação Cultural salvaguardando assim a sua integridade enquanto município e património cultural. Esta mesma instituição avançou, no ano precedente, com a criação do Prémio Literário Fernanda Botelho que reconhece escritores contemporâneos dando ênfase à literatura como obra de arte literária. A existência da Rede de Bibliotecas do Cadaval pretende integrar na mesma a biblioteca pessoal da escritora, desenvolvendo assim, o Protocolo de Cooperação com a Associação, sendo o objeto linguístico salvaguardado e dado a conhecer ao público. A atividade da Associação até ao momento termina com uma parceria composta entre a própria, a Rede de Bibliotecas Escolares, as Bibliotecas Municipais e o agrupamento de Escolas da Região Oeste com o propósito de desenvolver atividades denominadas de Extensão Cultural no âmbito da futura *Casa-Museu Fernanda Botelho*.²⁹

²⁹ Informação disponibilizada pela direção da Associação Gritos da Minha Dança.

3. PROPOSTA DE PROJETO

3.1.A CASA – MUSEU FACE A OUTRAS INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS

A Rede Portuguesa de Museus representa um sistema organizado, que se baseia na adesão voluntária por parte de museus credenciados, desenvolvido pelo Instituto dos Museus e da Conservação. O sistema foi criado no ano de 2000 sobre quatro conceitos essenciais: a informação; a formação; a qualificação e a articulação que reforçam programas que se ocupam do tratamento da qualidade museológica portuguesa.

O projeto foi desenvolvido em quatro fases distintas que a seguir se abordam. A primeira fase desenvolveu-se entre 2000 e 2003 após a promoção do Inquérito aos Museus de Portugal entre 1998 e 1999, posterior à publicação de “Linhas Programáticas da Rede Portuguesa de Museus” em Março de 2001, onde são definidos os princípios e objetivos, assim como, os procedimentos e a metodologia que resultaram nas primeiras candidaturas à Rede Portuguesa de Museus que teriam de respeitar parâmetros de desempenho da função social, da conservação, de acervos e de sustentabilidade. A Rede Portuguesa de Museus iniciou um conjunto de formações numa tentativa de auxílio aos museus portugueses e criou igualmente uma página na *internet* com o objetivo de colocar ao dispor a informação referente ao projeto então em vigor.³⁰

A Rede Portuguesa dos Museus, foi pioneira em Portugal, no que diz respeito à importância atribuída ao tratamento de informação museológica, evidenciando a necessidade da criação de normas e leis que enquadrem as instituições museológicas portuguesas. A Lei Quadro dos Museus foi consolidada por esta entidade definindo a noção de museu, estabelecendo as funções museológicas, institucionalizando a Rede Portuguesa de Museus e criando um sistema de credenciação. A segunda fase remete para o ano de 2004 aquando publicada a Lei Quadro de Museus, coincidente com a consolidação do projeto da Rede Portuguesa dos Museus que se desenvolveu até ao ano de 2006, visando o progresso da documentação reguladora das instituições.

A terceira fase foi desenvolvida entre 2007 e 2009, em que se registam anos de reforma, com a criação, em 2007, do Instituto dos Museus e da Conservação. Durante esta fase a data de candidaturas à credenciação de museus foi reaberta e verificou-se que dezenas de entidades museológicas realizaram o pedido.

A última fase remonta para o ano de 2010, promovida pela revista *L+Arte* com um artigo “10 anos de rede portuguesa de museus”, da historiadora Raquel Henriques da

³⁰ CAMACHO, Clara Frayão, *Rede Portuguesa dos Museus: pelos caminhos e veredas do país museológico*, in *L+Arte*, nº73, 2010, pp. 12-13.

Silva que afirma: “*Sem visibilidade mediática, o que talvez seja uma vantagem, a RPM está a promover uma revolução cultural, de importância idêntica ao magnífico trabalho realizado pela rede de bibliotecas públicas.*”³¹

Atualmente a Rede Portuguesa de Museus é composta por 149 museus, que remetem para variadas tutelas, coleções, espaços e instalações, priorizando atividades educativas e culturais, como igualmente a promoção de eventos junto da comunidade e a evolução de sistemas de gestão.

A Rede Portuguesa de Museus caracteriza-se por ser um sistema organizado de museus, que se baseia na adesão voluntária, por parte dos interessados, que se elabora progressivamente ao longo do tempo, promovendo a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre diferentes museus. As suas diversas tutelas, coleções, espaços e instalações representam a riqueza do sistema interno. Sob a estrutura de um projeto, a sua evolução depende do Instituto Português dos Museus, e apresenta um caráter imprescindível na construção da política museológica nacional, assim como, na qualificação dos museus portugueses.

A Rede Portuguesa de Museus defende cinco princípios base, nos quais assentam os museus patentes na rede: a valorização e qualificação da realidade museológica nacional; a cooperação institucional e a articulação entre museus; a descentralização de recursos; o planeamento e a racionalização dos investimentos públicos.

A Rede funciona também como um meio de articulação e comunicação entre a Direção-Geral do Património Cultural, por via do Departamento de Museus, Conservação e Credenciação e da Divisão de Museus e Credenciação numa busca por uma maior divulgação da informação e formação disponibilizada, qualificando os museus e desenvolvendo os processos de credenciação de museus que pretendam a futura integração em rede.

No que diz respeito ao tema em epígrafe sublinha-se a igual integração de instituições museológicas sob a denominação de Casas-Museu na Rede, podendo ser consultadas, as de caráter público ou público/privado na plataforma digital da Direção Geral do Património Cultural.³²

³¹ SILVA, Raquel Henriques, *10 anos de rede portuguesa de museus*, in *L+Arte*, nº71, 2010, p.24.

³² patrimoniocultural.gov.pt consultado a 27 de maio de 2018.

3.2. O MUSEU: ESPAÇOS E CONTEÚDOS

A Casa-Museu tem responsabilidade face ao património cultural em que se exige um conhecimento aprofundado, a uma conservação que se adequa ao espaço e aos seus objetos, promovendo a salvaguarda de todos os conteúdos evitando riscos, e tem de apresentar novas exposições proporcionando o acolhimento dos indivíduos que a visitam fomentando a inclusão social.

A gestão deste tipo de espaço museológico é indispensável pois visa o planeamento, a programação, a organização, o financiamento, o controlo e a formação de equipas que asseguram o bom funcionamento da Casa-Museu. A criação de um plano de gestão para o presente estudo de caso pretende promover ações de conservação de objetos constituintes da exposição, assim como, o acervo, a organização e a manutenção das reservas, para que os objetos que figuram no plano sejam renovados, por meio a serem apresentados um maior número de objetos que permitam contar a história do espaço, a inventariação e documentação das coleções, a conceção do plano expositivo, a execução de folhas de sala e catálogos e a preparação de visitas guiadas.

A Lei – Quadro dos museus portugueses redigiu um documento que contempla todos os conteúdos documentais que um museu que integra a Rede Portuguesa de Museus deve ter, um regulamento interno, uma política de incorporações, um plano de conservação preventiva e um plano de segurança.

O objeto em estudo caracteriza-se por ser um espaço de memória que tem como foco central o elemento biográfico de uma escritora, integrando-se na categoria de património imaterial a investigação de uma memória entendida através da sua bibliografia e transmitida pelos seus objetos pessoais.

O filósofo Michel Foucault apresenta o conceito de heterotopia que define um espaço com múltiplos significados e afirma que tanto um museu como uma biblioteca possuem poeticamente uma acumulação de tempo. Sendo que estamos perante um caso de estudo que incide num projeto museológico de caráter literário podemos experienciar um espaço heterotópico. Sob a análise deste conceito é possível aliar o espaço ao conteúdo promovendo uma linha de pensamento concisa e esclarecedora do que se pretende com a elaboração do presente projeto.

A adaptação do espaço habitacional a museológico permite a definição de espaços que apresentam coleções e facilitam o acolhimento do visitante, definindo uma narrativa museológica que representa em simultâneo a memória da escritora agregada à sua literatura. O projeto museológico apresenta-se num meio geográfico pequeno o que

representa um desafio e um meio de enriquecimento cultural da região, planeando-se a sua inclusão em roteiros turísticos locais possibilitando a comunicação do espaço ao público.

A definição conceptual do projeto relaciona-se diretamente com o modo como o património literário se apresenta no espaço museológico, um conceito que é delineado num percurso museológico literário, por esse motivo importa que todos os segmentos que compõem o plano do museu exibam referências bibliográficas de autor. Não somente será possível conhecer as obras da autora como igualmente algumas passagens que fazem alusão ao momento em que a escritora adquiriu a casa e aquilo que esta representava na sua vida.

O espaço museológico instala-se sobre a planta da área habitacional, que se prolonga exteriormente por um jardim, um lugar de lazer e inspiração que se pretende que seja implementado no percurso museológico, pois permitirá uma relação interior/exterior, fazendo alusão a um local importante na produção literária de Fernanda Botelho.

O exterior e o interior fundem-se através de uma porta, que liga o jardim à biblioteca, interligando a fonte de inspiração ao projeto final, onde se apresenta o espólio bibliográfico da escritora, manuscritos e estudos, como também obras literárias e decorativas de outros artistas, dos quais Fernanda Botelho era apreciadora e colecionadora.

O corredor faz a ligação entre o escritório, o quarto, a sala de estar e a sala de jantar. O primeiro a ser visitado é o escritório que reúne objetos pessoais e material de trabalho, o quarto enquanto local de descanso da escritora apresentando também objetos pessoais e decorativos e a sala de estar e de jantar que se unem e constituem uma zona de convívio de família, albergando um grande espólio de artes decorativos, como mobiliário, faiança, cerâmica, porcelana, entre outros bens ainda não documentados.

3.3. PLANO MUSEOLÓGICO TIPO DE CONTEXTO LITERÁRIO

O plano museológico inserido numa Casa-Museu de caráter literário deve responder a normas que explicitem o valor da literatura inseridos no contexto do museu. A Casa-Museu contempla no seu estatuto a denominação do autor ao qual habitou o edifício primordialmente, ou seja, o título da Casa-Museu ou da fundação celebra o nome do escritor.

O plano museológico deve explicitar primeiramente a biografia do autor, com referências a todas as suas obras, ou no caso, a obras relevantes com características de destaque de toda a bibliografia do autor. Entende-se que dado a referência nominal do autor como título da casa é importante que o visitante compreenda a importância da vida e obra do escritor com o objetivo de vivenciar a experiência museológica de uma forma lúcida e conhecedora. Assim, é essencial que as salas contempladas no plano museológico, como também a folha de sala contenha referências ou apontamentos literários com passagens de obras previamente selecionadas.

O espaço museológico, as entradas, os corredores e as salas, ou até mesmo os espaços exteriores, devem estar devidamente assinalados e evidenciados, de forma a ser criado um ambiente museológico perceptível e acessível. O plano deve conter uma planta explícita dos espaços e devem ser também assinaladas todas as obras ou objetos artísticos ou literários que figuram em cada sala.

Os serviços museológicos devem ser organizados, para que todas as áreas de intervenção sejam responsabilizadas por um especialista. Cada tipo de obra de arte insere-se numa determinada categoria geral como documentação, cerâmicas, têxteis, mobiliário, ourivesaria ou joalheria, sendo as categorias diversas e o estudo de cada uma delas é individual e por esse motivo é importante que seja criada uma base de dados de pesquisa que auxilie a compreensão de cada uma das peças patentes no espólio museológico. A base de dados resulta num trabalho de pesquisa interno, contudo deve ser partilhada com o público interessado, numa plataforma *online* permitindo assim, um estudo alargado por parte de especialistas da área externos ao museu.

Os documentos permitem salvaguardar a informação acerca do museu e do seu acervo, pelo que é igualmente necessária uma constituição de normas que regem a intervenção dos profissionais nos bens literários e artísticos para manutenção ou restauro. O tratamento das peças pode ser prejudicial para a integridade das peças, o que justifica

a inclusão de um capítulo no plano museológico que contemple as regras de tratamento dos bens.³³

O caráter principal do tipo de museu em estudo é o seu espólio literário que resulta na criação de uma categoria no plano museológico sob o termo documentação, que trata de organizar toda a informação bibliográfica e reúne o inventário de todo o espólio exposto em museu ou arquivado nos acervos. Esta categoria merece atenção pois a obra do autor é preservada através de documentos em suporte de papel, contando com edições originais que devido a condições adversas podem sofrer modificações. Desta forma, a conservação preventiva atua no sentido de manter as características originais da obra, para que o seu estudo não seja contaminado com atualizações contemporâneas. As obras literárias devem ainda ser organizadas conforme uma biblioteca, facilitando o acesso dos investigadores.

A Casa-Museu recusa o distanciamento entre museu e coleção, não existindo qualquer tipo de aquisição de peças ou empréstimos, visto que as peças que se apresentam ao público fariam parte da coleção privada de quem habitou o edifício, realçando-se a importância do caráter íntimo da exposição de objetos pessoais do autor.³⁴

O museu é um espaço funcional e racional, pelo que o traçado da museografia da exposição deve respeitar os espaços que no caso de uma Casa-Museu são parte integrante do plano museológico, assim como, a disposição dos objetos no espaço. A racionalização do espaço permite responder a necessidades funcionais impostas pelo conceito de receção do público.

O desenho do projeto deve transmitir uma harmonia entre o espaço e os bens, de forma a criar um ambiente acolhedor que respeite a sensibilidade do espaço. Não obstante o edifício é um museu aberto ao público e por esse motivo é necessário o controlo de acesso aos espaços, assim como, a proximidade com os bens dispostos ao longo do percurso que justifica a inclusão na rota museográfica destes dois aspetos: o estético e o funcional que tornarão a visita possível e agradável. O percurso contempla em si o plano de acessibilidades (DL.163/2007) que merece destaque por ser fundamental à abertura de um espaço museológico inclusivo, por esse motivo é apresentado num capítulo que se dedica ao assunto. O acesso restrito a determinados espaços do edifício é igualmente abordado a baixo, por ser um constituinte do plano de conservação preventiva.

³³ CAMEIRA, Vasco, *A salvaguarda dos conjuntos históricos ou tradicionais*, Unesco, nº3, 1979, pp.9-11.

³⁴ OLIVEIRA, Ernesto, *Apointamentos sobre Museologia – Museus Etnológicos*, Lições dadas no Museu de Etnologia do Ultramar, Lisboa 1971. p.19-22

3.4. CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

O professor e engenheiro químico Gael de Guichen foi o pioneiro da conservação preventiva e expõe o conceito de forma simples na sua obra de 1995: *“Where yesterday one saw objects, today one should see collections. Where one saw rooms, one should see buildings. Where one saw a person, one should see teams. Where one saw short-term expenditure, one should see long-term investment. Where one saw day-to-day actions, one should see programme and priorities. Preventive conservation means taking out a life insurance for museum collections.”*³⁵ Desta forma, entende-se por conservação preventiva a intenção de preservar as características primordiais que constituem e definem um objeto, evitando a deterioração do mesmo assegurando assim a sua salvaguarda.

O professor Luís Elias Casanovas refere na sua obra que um museu tem o dever de exercer quatro funções: colecionar; preservar; estudar e apresentar. A coleção é estudada e apresentada ao público e tem de ser preservada, pois se tal não acontecer a coleção perde todo o sentido.³⁶

A conservação torna possível a preservação pois representa a tecnologia necessária à atuação. O plano de conservação preventiva que se segue vai de encontro às necessidades do presente objeto de estudo, após estágio curricular no espaço museológico, e visa a implementação de normas preventivas aplicáveis a cada situação em específico.

3.4.1. EDIFÍCIO

A estrutura arquitetónica deve reunir condições de isolamento, a nível da luminosidade e da ação eólica, assim como controlo de temperatura e humidade. Deve ainda estar provido de zonas que possibilitem o acondicionamento dos objetos, de fácil acesso e com o devido espaço necessário, de modo a evitar a sobreposição de objetos. As condições gerais do edifício devem ser revistas e analisadas, devendo-se proceder a todas as adaptações necessárias, sendo o controlo da temperatura e humidade uma necessidade primordial. As zonas ou salas a figurar no plano museológico devem ser organizadas e selecionadas, pois

³⁵ GUICHEN, Gael, *Preventive conservation: a mere fad or far-reaching change?* in Museum International, Preventive conservation, nº1, 1999. p. 5.

³⁶ CASANOVAS, Luís, *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia, Lisboa, 2008, pp. 17-19.

é essencial respeitar cada objeto na sua individualidade, tornando o espaço acessível e evitando a lotação dos espaços.

3.4.2. ENVOLVENTE

O exterior do edifício sendo o meio que o envolve, representa um fator importante na medida em que, é prejudicial à conservação dos bens no interior do espaço edificado. Um espaço verde, como um jardim, constitui uma fonte de retenção de humidade e proporciona o desenvolvimento de pragas, assim como, a existência de uma piscina no exterior da casa também representa um risco para os níveis de humidade na estrutura da casa. Por este motivo é necessária a intervenção do jardim tratando a vegetação e colocando uma vedação no perímetro da piscina evitando quedas.

3.4.3. ACERVOS

Todos os bens que não se encontram em exposição, mas que são parte integral da coleção, devem ser acondicionados em acervos, devidamente climatizados, com controlo da temperatura e humidade, de forma a conservar as suas propriedades. Assim, os acervos, são parte essencial na Casa-Museu e representam um foco na conservação pois é importante que os objetos se encontrem abrigados do exterior e das restantes salas do edifício. O piso superior poderá acomodar o acervo.

3.4.4. RECURSOS HUMANOS

A coleção que compõe a Casa-Museu apresenta diferentes objetos de diversas tipologias que se agrupam em categorias distintas, por esse motivo, é necessária a intervenção por parte de profissionais de áreas específicas, de forma, a que o estudo e a conservação de cada objeto individualmente se procedam.

3.4.5. PÚBLICO

O público detém um papel fulcral na conservação da coleção pois representa um fator de risco para a deterioração dos objetos. O que obriga o controlo sob o número de visitantes que deve ser limitado e todas as visitas devem ser acompanhadas por um profissional, sendo também necessária a restrição a algumas zonas do edifício a profissionais, proibindo a entrada a pessoas estranhas ao serviço, evitando assim o contato direto com os bens. As salas que constam no plano museológico (Anexo III) devem conter restrições ao acesso direto às peças, sendo necessária por vezes a colocação de baias.

3.5. PLANO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

3.5.1. FUNDAMENTAIS

3.5.1.1. LUMINOSIDADE

A incidência da luz diretamente nos objetos representa um fator de deterioração, pois o grau de luminosidade interfere com o pigmento da cor e com o material que compõe o objeto, seja literário, têxtil, mobiliário ou cerâmico. A casa tem muitas entradas de luz natural, janelas e portas, que se devem manter fechadas ou abertas desde que contenham filtros nos vidros que impeçam a entrada de raios ultravioleta, evitando assim o contato direto com os bens artísticos. No que diz respeito à luz artificial dentro do edifício é necessária a retificação das lâmpadas e a substituição das mesmas se assim se justificar.

3.5.1.2. POLUIÇÃO

Os bens de fácil deterioração devem ser acomodados em vitrinas, num ambiente controlado, evitando o contato com partículas que circulem no ar. Esta poluição dos espaços é feita pela abertura de janelas e portas, pelo que deve ser evitado, apenas para entrada e saída do edifício.

3.5.1.3. HUMIDADE

Os níveis de humidade de cada espaço na sua individualidade devem ser controlados com recurso a um termohigrógrafo, que procede à medição dos níveis de temperatura e de humidade, de forma atuar rapidamente se os níveis se apresentarem anormais. A humidade resulta na destruição de todo o tipo de objetos, mas principalmente livros e mobiliário, assim é prioridade controlar a humidade da casa.

3.5.1.4. TEMPERATURA

O termohigrógrafo acima referido permite igualmente controlar a temperatura ambiente que se deve manter amena durante todo o ano.

3.5.1.5. AÇÃO EÓLICA

Como referido no ponto 3.5.1.2., o ar que circula no meio ambiente pode constituir um risco à sustentabilidade dos bens artísticos e recomenda-se igualmente o isolamento do interior, reduzindo o contato com o exterior. A ação eólica pode destruir peças pois podem cair ou embater noutras da mesma coleção.

3.5.1.6.INTERVENÇÕES DAS PEÇAS

Os bens devem ser intervencionados apenas por profissionais especialistas das diversas áreas, pois é importante a conservação do material que constitui a estrutura do objeto.

3.5.2. SECUNDÁRIAS

3.5.2.1.CONTROLO DE PRAGAS

Devem ser utilizados produtos químicos, não prejudiciais às obras, que controlem a existência de pragas, assim como, é necessária uma observação permanente às peças analisando se foram danificadas por alguma praga e eliminá-la com brevidade.

3.5.2.2.EMBALAGENS DE TRANSPORTE

Todos os objetos que necessitem de ser transportados para outro local fora do espaço museológico devem ser acondicionadas individualmente em embalagens específicas.

3.5.2.3.ACONDICIONAMENTO DE PEÇAS

As peças devem ser devidamente acondicionadas no espaço museológico e nos respetivos espaços expositivos.

3.5.2.4.SUJIDADE DAS PEÇAS

A limpeza das peças deve ser assegurada segundo os termos dos materiais que constituem cada objeto.

3.5.3. ACIDENTAIS

3.5.3.1.MEDIDAS ANTI-FOGO

Deverá ser elaborado um projeto de segurança contra incêndio, assim sendo, o espaço museológico deve estar provido de equipamento contra incêndios nomeadamente detetores, extintores e mantas ignífugas.

3.5.3.2.CATÁSTROFES

Não se encontrando em zona de risco assinalada, não se verifica a necessidade de cuidados especiais.

3.5.3.3.ACESSO

O acesso ao espaço deve ser controlado impondo um limite de números de visitantes em simultâneo, tendo em conta a dimensão da planta do edifício e das salas que a constituem.³⁷

³⁷ CASANOVAS, Luís, *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia, Lisboa, 2008, pp.74-97.

3.6.DIAGNÓSTICO GLOBAL DAS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE

3,6.1. Plano de Acessibilidade adequado especificamente ao Espaço Museológico em Estudo

Os indivíduos com mobilidade reduzida, diversas vezes sentem-se impossibilitados de exercer em plenitude os seus direitos e deveres, o que resulta numa exclusão por parte dos serviços públicos e privados, de forma intencional ou não, é necessária e urgente uma consciencialização por parte, neste caso das instituições museológicas. Deste modo, a acessibilidade representa um elemento fundamental na qualidade de vida das pessoas, pois é um meio anti-discriminatório que visa conferir os mesmos direitos a todo e qualquer cidadão. Por isso, é necessária uma transformação na planta dos edifícios que permita a inclusão de indivíduos com mobilidade reduzida em todo o percurso museológico, de forma, a que seja igual para todo o público que visita o museu, não se distinguindo zonas acessíveis e zonas de difícil acesso, tornando o percurso igualitário.³⁸

A musealização integra o conceito de tornar algo público, e por esse motivo, é necessário pensar em todas as pessoas que se inserirem no conceito de público. Pretende-se que o percurso museológico seja adaptado, sem colocar em risco o património ou que a qualidade museográfica seja banalizada. De acordo com o DL nº163/06 de 8 de agosto, todos os edifícios públicos que se destinam à receção de público, devem respeitar um conjunto de normas de forma a facilitar o acesso a qualquer pessoa que possa ou não deter a condição de mobilidade condicionada. O edifício em estudo terá de sofrer alterações de forma a respeitar as normas impostas a todos os espaços que se destinam à receção de públicos.

3.6.1. ESTACIONAMENTO

Deve ser facilitado o estacionamento respeitando as seguintes normas:

- a. Existência de estacionamento adequado a portadores de cadeiras de rodas nas dimensões mínimas regulamentares sob a dimensão de 2.50 x 5.00 metros, com faixa de acesso lateral de 1 metro.
- b. Deve ser colocada sinalização vertical visível, com o respetivo símbolo de acessibilidades que indique o lugar.

³⁸ MINEIRO, Clara, *Mas as peças falam por si? A importância dos textos nos museus*, in museologia.pt, nº1, Instituto dos Museus e da Conservação, 2007. p.68-69.

3.6.2. PERCURSO

O percurso entre o estacionamento e o edifício deve ser regido por:

- a. Passeio pedonal existente com largura mínima não inferior a 1.5 m (correspondente à passagem de duas cadeiras de rodas) até à via pública.
- b. Percurso pedonal com pavimento de nível e tátil para o espaço público.
- c. Existência de rampas de acesso na via pública acessíveis.

3.6.3. ENTRADA

A entrada para a propriedade e a porta de entrada do edifício:

- a. Entrada principal localizada na via de menor fluxo de tráfego
- b. Existência de portão de entrada principal acessível
- c. Existência de porta de entrada principal acessível

3.6.4. EDIFÍCIO

A estrutura arquitetónica deve sofrer modificações de forma a cumprir com as seguintes normas:

- a. Existência de rampas acessíveis
- b. Corredores amplos e com piso adequado
- c. Existência de elevador ou plataformas elevatórias
- d. Instalações sanitárias acessíveis³⁹

A *Casa-Museu Fernanda Botelho* pretende ser um espaço inclusivo no seio da comunidade e é intencional que o programa museológico que será implementado no edifício seja acessível a todas as pessoas que o queiram visitar, sem que sejam impostas barreiras físicas que impeçam a receção a pessoas com mobilidade reduzida.⁴⁰ O plano de acessibilidades representa assim um elemento fundamental no plano museológico pois torna possível a projecção da uniformidade do público da Casa-Museu, contudo, se as condições de acessibilidade não estiverem reunidas pode representar uma condicionante ao projeto de musealização da casa. Pretende-se ainda que seja feita uma programação de atividades integradas, em que sejam desenvolvidas visitas mediadas que envolvam o público com mobilidade reduzida.

³⁹ DIÁRIO DA REPÚBLICA ELETRÓNICO, Regime de acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais, DECRETO-LEI nº163/2006, Diário da República nº152/2006, série I de 2006-08-08, Ministério do trabalho e da Solidariedade Social.

⁴⁰ Instituto Nacional para a Reabilitação, Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. INR.PT

4. GESTÃO DO PATRIMÓNIO

4.1. PERCURSO MUSEOLÓGICO

O plano expositivo que se pretende apresentar vai de encontro ao conceito de ensaio apresentado pelo filósofo Michel de Montaigne, como sendo um texto que explora o objeto por tentativas, não tomando conclusões. O ensaio evita o sentido conclusivo e isolamento dos géneros literários, sob a exploração do mesmo, resultando na exposição. O local de exposição permite que o objeto seja apresentado e que a sua imagem seja desconstruída possibilitando a mútua exposição entre observador e objeto observado, encontrando-se o primeiro igualmente exposto, proporcionando a assimilação do objeto e a construção do lugar comum.

O lugar aqui apresentado é a habitação de Fernanda Botelho e a leitura dos objetos pretende-se que acompanhe o seguimento do espaço habitacional. A ideia de ensaio, apresentada acima, pretende dar abertura a várias leituras do objeto sem que sejam impostas regras, numa linha contínua de liberdade, o que resultará numa experiência que será vivida pelo público. É desejável que o ato de experimentação do objeto no espaço seja de carácter pessoal e posteriormente partilhada, sendo importante conhecer diferentes pontos de vista. A recusa, por parte do ensaio, a conceitos impostos, permite conhecer a obra literária num espaço habitacional e recebê-la num ambiente incomum para a receção de um livro.

O arquiteto Paulo Pires do Vale apresenta em “Tarefas Infinitas - Quando a Arte e o Livro se Ilimitam”, uma ideia de como uma exposição é realizada em torno de um livro que permitirá responder ao que se pretende ser feito na *Casa-Museu Fernanda Botelho*. Pires do Vale afirma que a exposição deve ser falhada, de forma, a apresentar falhas, sem exigências absolutas, enciclopédias ou técnicas de arquivo. A falha representa assim um espaço vazio onde se desenvolve um lugar onde é possível erguer uma exposição sem pretensões ou julgamentos.⁴¹

O espaço onde se encontra a exposição é o mesmo espaço que permite que o visitante, ou o leitor, penetre o livro e que nele descubra a sua experiência pessoal. Uma obra literária não existe se não existir leitor, e a Casa-Museu não existe se não existir público, desta forma, o livro ao ser exposto permite perpetuar no tempo e criar memórias. A experiência de leitura não pode ser exposta, porém o livro é exposto para ser experienciado.

⁴¹ PIRES DO VALE, Paulo, *Tarefas Infinita - Quando a Arte e o Livro se Ilimitam*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2012, pp. 11-15.

Na freguesia da Vermelha, concelho do Cadaval, localiza-se aquela que fora a última morada de Fernanda Botelho referida pela própria na sua penúltima obra, escrita na íntegra neste lugar, *“Foi quando comprei no campo, a vil preço, um adorável pardieirozinho, o qual mandei restaurar, servindo-me para o efeito do seguro que o meu pobre marido tivera a diligência de fazer, longos anos atrás, ao sobrevivente. Eu sou a sobrevivente. Que a reforma de professora do Secundário, disciplina de Filosofia, não me deixava grande margem para superfluidades. O meu pardieirozinho foi uma superfluidade, um esboço de arrogância singular, um ardor de vaga inquietação. É que eu, se não nascera citadina, como citadina tinha até então vivido, longos e longos anos desde a infância.”*⁴²



Figura 3 – Fachada Principal, imagem cedida pela Associação Gritos da Minha Dança

A abordagem da escritora ao local permite, ao leitor, a visualização do espaço físico, o qual foi mandado reabilitar pela própria, que o adquiriu numa altura em que já seria viúva e reformada, espelhando a sua avançada idade. Após a edição de dez obras literárias desenvolvidas no meio citadino, como se refere acima, a escritora encontrou na Vermelha o retiro que precisa para o seu fim da sua carreira. Inspirada pelo meio envolvente escreve desde logo *“As Contadoras de Histórias”*, editado no ano de 1998, e posteriormente encerraria a sua obra literária com *“Gritos da Minha Dança”* publicado em 2003.

⁴² BOTELHO, Fernanda, *As Contadoras de Histórias*, Presença, Lisboa, 1998 (p.9)

A propósito da criação destas duas obras na presente casa apresenta-se um último motivo para a implementação do projeto museológico e para apresentação deste local retratado na obra de Fernanda Botelho *“Tudo então era estreia na minha vida, excepto a própria vida, essa já longa, mas eu lá me ia aguentado, remanescente no cartaz de um teatro já degradado pelo tempo, intempéries, erosões, falta de público...”*

A área habitacional da escritora compõe-se por dois pisos, um piso térreo que seria totalmente utilizado pela própria, contando com todas as divisões cómodas para realizar a vida quotidiana, cozinha, casa de banho, quarto, escritório, salas e biblioteca, e um sótão que seria utilizado por familiares em visita à Vermelha e como local de arrumos. Por esse motivo, apenas se considera relevante a implementação do piso térreo no plano museológico, tornando o piso superior uma área restrita limitada ao visitante.

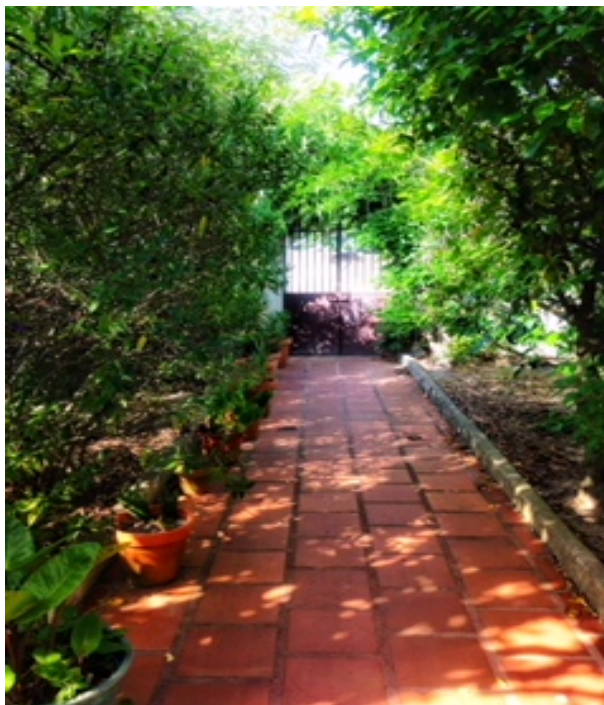


Figura 4-Portão de Acesso ao Jardim, imagem da autora

Ao transpor o portão que dá acesso à zona habitacional (fig.4) o visitante inicia o percurso pelo jardim, o qual se compõe por um corredor lateral à casa cercado por vegetação abundante em todo o percurso terminando num pátio onde se nota a harmonia do ambiente que contorna as traseiras da casa, lugar onde também Fernanda Botelho se inspirou *“Restaurado o amoroso pardieirozinho, aventurei-me a umas férias assaz longas, (...) Foi aí que se iniciou o meu convívio com moscardos, moscas e mosquitos. Há um tempo para cada um dos tamanhos, penso eu, embora sejam possíveis simultaneidades e coexistências.”*



Figura 5-Entrada para o interior da casa, imagem da autora

O jardim é percorrido e experienciado preparando o visitante a conhecer o interior da casa. As entradas são diversas, portanto a porta escolhida será a que dá acesso à biblioteca (fig.5), esta passagem para o interior é concluída com o encerramento da porta possibilitando a observação completa da biblioteca. O espaço encontra-se preenchido por um enorme número de coleções bibliográficas contidas em diversas estantes dispostas em torno da biblioteca, assim como conjuntos de arte decorativa que completam o espaço, adivinhando-se uma zona de descanso pela inclusão de sofás e um piano e uma zona de trabalho com uma mesa de estudo (fig.6). A primeira edição de cada obra, pretende-se que seja aqui apresentada, para que o público possa visualizar o aspeto de cada uma, de certo porém não será facilitado o acesso do mesmo aos originais somente a cópias, por questões de segurança.

O pavimento do piso térreo apresenta desníveis entre espaços, sendo a conexão com o corredor conseguida através de quatro degraus. Subindo, do lado direito, encontra-se a cozinha, que não detém relevância no plano, devido às alterações sofridas à posteriori. Assim segue-se pela direita e é adquirida a noção perspética do corredor com diversas portas à esquerda e à direita. A primeira porta à direita dá acesso ao escritório, onde são exibidos na parede, os prémios atribuídos à escritora (fig.7), um local de louvor, onde Fernanda Botelho trabalhou as suas duas últimas obras, rodeada por premiações por obras precedentes, espelhando a recompensa do empenho no trabalho.



Figura 6 - Interior da biblioteca, imagem da autora

A segunda porta à direita dá acesso ao quarto da escritora (fig.8) onde são exibidos objetos pessoais e de uso quotidiano pertencentes à pessoa que habitara a casa, tido como um espaço intimista de carácter pessoal que resgata os aspetos privados da rotina diária da escritora.



Figura 7 - Escritório, imagem da autora

Em frente, na porta do corredor do lado esquerdo, encontra-se a casa de banho de uso pessoal, onde foram colocadas vestes utilizadas pela própria numa fase final da sua vida, notórias pela cor escura própria de viúva. Detalhe importante que transporta a dor emocional de perda, que ficou sublinhada na sua última obra. *“Em nome do amor. Eu vi morrer o meu amor maior, o homem que me deu os meus filhos. Vi-o soçobrar na inércia – expressão parada de idiota (os seus belos olhos inteligentes, a ternura do olhar), vi a sua boca torcida e pálida (os seus lábios sensuais), as suas mãos abandonadas (as suas mãos leves de sonho, com sedosa penugem), os cabelos a esfarelarem-se (a sua bela cabeleira castanho clara, macia de cetim), os balbucios e gritos animais (a sua voz quente e cantante) ...”*⁴³



Figura 8-Interior do Quarto, imagem de autor

O último acesso do corredor é a sala de estar e de jantar (fig.9), onde a escritora receberia familiares e amigos. A saída do espaço museológico faz-se a partir desta sala que tem conexão direta com o pátio encontrando-se uma mesa e cadeiras, local onde a escritora se inspirava e escrevia diversas linhas das suas duas últimas obras, facto conhecido pela leitura do seu último livro. *“Estou a ver-me daqui a algum tempo sentada numa cadeira de esplanada. O dia é estival e o sol, claro e pleno. Temperatura amena. Sinto-me bem. Então agarro a minha caran d’ache de estimação (passe a publicidade).*

⁴³ BOTELHO, Fernanda, *Gritos da Minha Dança*, Presença, Barcarena, 2003, p.28

Abro o meu caderno A4, disposta a estabelecer um breve contrato escrito entre mim e o ambiente circundante – e então acabou-se, não há nada para escrever, bloqueei.”⁴⁴



Figura 9 - Sala de Estar e Jantar, Imagem da autora

A intrusão de elementos autobiográficos permite o delineamento do percurso segundo uma linha contínua de associação de elementos físicos a pensamentos e ideias memoráveis pela presença nas suas obras. Pretende-se que a Casa-Museu celebre a vida e obra da escritora, situando-se cronologicamente numa última fase de vida que aparece descrita em “Gritos da Minha Dança” onde o momento vivido nesta casa, apresenta-se como um confronto entre o passado e um pressuposto futuro, fazendo a conexão de recordações vividas noutro espaço físico transportadas para este, como uma lembrança sempre presente na memória que permite construir o tempo vigente.

⁴⁴ BOTELHO, Fernanda, *Gritos da Minha Dança*, Presença, Barcarena, 2003, pp.11-12.

4.2. IMAGEM E COMUNICAÇÃO

A escritora portuguesa da segunda metade do século XX, caiu no esquecimento histórico da geração atual, mas a reedição da obra completa de Fernanda Botelho volta a colocar o seu nome na literatura nacional com o primeiro livro a chegar ao leitor “Esta Noite Sonhei com Brueghel” publicitado em agosto de 2017 pelo jornal *Público* sob o título “Fernanda Botelho, o ressurgir de uma audaz ironia”.



Figura 10- publicação do Jornal Público de agosto de

O seu último livro editado ao público apresenta preocupações da escritora que vão de encontro ao acima mencionado, “*Não sinto nostalgia do passado. Pois que fiz eu na minha vida que mereça a sacralização das lágrimas fora do prazo? Escrevi uns livros que o tempo vai escorrer para a poeira das coisas esquecidas.*”⁴⁵

A primeira obra editada em 1987 foi iniciada pela escritora em Berlim em 1975, retratando pessoas que passaram pela sua vida, personificadas pelo próprio nome num manuscrito que demorou doze anos a ser terminado. A imagem social de época onde se encaixa uma visão pessoal sobre a sua própria vida com carácter irónico e cínico, que não transpõe qualquer tipo de emoção, dramaticamente autocritica-se e dessa forma transporta para um leitor uma angústia que acompanha todo o romance.

No primeiro manuscrito datado de 1972 é possível ler-se “*Tal é, em síntese, o meu autorretrato, a que se acrescentará, como toque final (porventura não tão final como isso!), uma notável tendência para a evasão burlesca ou romanesca, indiscriminadamente. Indiscriminadamente em tudo: tão depressa me sinto pássaro de colorida plumagem debicando alpista em sacadas de Julieta, como silenciosa escrava em bordel marroquino para tropas no deserto!*”⁴⁶ Um período histórico de decadência social e política, na qual viveu e é sentido durante uma leitura cuidada da obra inspirada numa época que permitiu à escritora, uma experimentação literária ficcional, que ultrapassa o neorrealismo da geração antecedente, entusiasmada pelo existencialismo presente na obra de escritores europeus do pós-guerra.

O afastamento histórico da concepção da obra de Fernanda Botelho carece de um plano de comunicação criativa que exponha o trabalho da escritora e que evidencie a sua

⁴⁵ BOTELHO, Fernanda, *Gritos da Minha Dança*, Presença, Barcarena, 2003 p.65.

⁴⁶ LUCAS, Isabel, *Fernanda Botelho, o ressurgir de uma audaz ironia*, Jornal Público, 2017.

relação com a Casa-Museu. A obra literária apresentada no espaço museológico rompe convenções no sentido em que retira o livro do seu espaço habitual, a biblioteca, e o coloca no museu, refletindo a criatividade imposta ao processo que quebra os cânones e exhibe a obra alienada à inovação. Em “Esta Noite Sonhei com Brueghel” Fernanda Botelho coloca um personagem a visitar um museu em Antuérpia podendo ler-se “*O silêncio do museu é o silêncio doméstico da minha infância, mas há aqui uma claridade inexistente lá.*”⁴⁷ No silêncio desta que foi a última habitação da escritora será possível conhecer características pessoais que refletem a personalidade construída ao longo de oito décadas de existência.

O desafio exposto no presente ponto de investigação vai de encontro como o modo em que a informação acerca da vida e obra da escritora deve ser tratada, exposta e publicitada. A criatividade imposta ao tipo de comunicação permite, neste caso, que o visitante se relacione com o objeto visitado, tendo como ponto de partida a reflexão de Umberto Eco que presume que a interação do visitante com o objeto, resulta numa leitura pessoal que se compõe por um ato criador e criativo.

O objeto representa um papel fulcral na comunicação pois é o meio pelo qual a informação é transmitida para o visitante. O conceito onde o objeto se insere é o ambiente cultural a que pertence, detendo por completo o seu valor estético e a sua linha de leitura fiel ao espaço. A ideia de espaço habitacional transmite-se ao público através da disposição original dos objetos, que apenas são movimentados por questões de acessibilidade, contudo mantêm-se no plano museológico. Todavia todas as peças que foram adicionadas após o falecimento da escritora terão de ser retiradas por questões de leitura do espaço como o lugar que foi habitado por Fernanda Botelho.

A exposição permanente da Casa-Museu reflete a imagem da escritora na sociedade, necessitando de acompanhamento por parte de um mediador, ou por meio de folhas de sala e catálogos, que acrescentam informação à que é assimilada em visita permitindo prestar esclarecimentos acerca da biografia e obra da escritora.

⁴⁷ *Ibidem*

4.3. PLANO DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

Os estudos que se reúnem previamente à abertura de uma Casa-Museu devem ser compilados e editados para que exista uma publicação que se destina exclusivamente à temática do espaço museológico na sua individualidade. Por meio de um catálogo a informação acerca da instituição deve ser explícita e aprofundada. Nos dias correntes, é também possível tornar a publicação digital acessível a um maior número de leitores, contando com os documentos que salvaguardam as pesquisas e o trabalho desenvolvido em torno da temática da Casa-Museu, tornados públicos com o objetivo de defender o estudo até então desenvolvido.

A comunicação do museu torna possível a divulgação do edifício e da coleção, que se traduz em publicidade numa procura pela aquisição de visitantes pois o museu existe para o público, sendo que a conceção atual de um museu tem como base a receção do público impondo a responsabilidade de fazer chegar à comunidade o surgimento do mesmo e as constantes renovações.

O público procura novos conhecimentos aos quais o museu deve conseguir responder através de diversas formas expositivas e comunicativas. O aumento do turismo em Portugal valoriza os números de afluência a espaços museológicos sendo necessária uma comunicação nacional e internacional, como por exemplo, a tradução de folhas de sala para inglês, apresentando-se em bilingue – português e inglês. Não obstante poderá ser traduzido em outras línguas com o objetivo de acolher da melhor forma possível o público estrangeiro que valoriza o empenho da instituição que comunica em diferentes idiomas. Este tipo de público específico disfruta de maneira ativa se a apresentação do plano museológico contemplar a sua língua materna.⁴⁸

No panorama da comunicação destaca-se também a informação que é disponibilizada ao público durante a sua visita, que deve ser feita através da impressão de catálogos ou da informatização dos mesmos, permitindo a consulta em dispositivos móveis, descartando o suporte de papel. As salas incumbem a transmissão de uma mensagem e por esse motivo é importante a inclusão de frases ou passagens das obras de autor que remetem para diferentes espaços e completam a visita.⁴⁹ Hoje em dia a difusão de informação permite que qualquer pessoa tenha acesso a conteúdos artísticos, detendo

⁴⁸ RAMOS, José, *Guia dos Museus em Portugal*, Edição Bilingue, Margens, Lisboa, 1996. (exemplo de guia bilingue)

⁴⁹ MOREIRA, Isabel, *Galerias de Arte e o seu Público*, Instituto Português de Ensino a Distância, Lisboa, 1985. p. 39-43.

sempre conhecimentos acerca do panorama cultural. Os diferentes meios de comunicação impõem ao público uma percepção do que é novidade e do que é criado, sem que exista uma busca concreta por esse tipo de entendimento. A tecnologia retira o caráter inesperado de uma nova criação, pois o momento da sua criação é tornado público mesmo antes da sua conclusão. A arte é anunciada publicamente, é observada ao longe e é experienciada de perto por quem se encontra disponível para receber a informação, notando-se assim duas vias de dispersão publicitária, o grande público elementar e o limitado público conhecedor da matéria.

O museu apresenta os mecanismos necessários à aquisição de conhecimentos, pois apresenta-se sob a forma de um objeto de pesquisa relevante para o estudo de um determinado assunto, que convida o público a visitar o espaço e os portais digitais correspondentes. Este entendimento é racional pois diversos críticos de arte escreveram ensaios sobre o tema, Levi - Strauss, é um exemplo de isso mesmo, afirmando que o museu é “o prolongamento do terreno”, no que diz respeito a uma busca de conhecimento por parte de investigadores especializados.⁵⁰

Na mesma linha de pensamento surge a necessidade da organização de um serviço educativo, com uma atuação junto das instituições escolares, que permita o ensino a jovens em espaços museológicos. O objetivo é que cada jovem através de diferentes meios didáticos termine a experiência do museu com o conhecimento elementar acerca do assunto. A inclusão da cultura na comunidade mais jovem é fundamental para a sobrevivência dos museus, de igual forma, o serviço educativo deve ainda ter a preocupação junto de adultos que procuram esclarecimentos acerca daquilo que irão observar e experienciar nos espaços. Assim, é necessária a colaboração com especialistas de diferentes áreas artísticas que acompanhem o público numa visita mediada e explicativa. Este tipo de comunicação educativa é importante pois torna acessível o estudo realizado sobre a instituição e as suas coleções.

A Casa-Museu possui uma coleção privada, tendo em conta o caso de estudo, de uma escritora, que deve ser experienciada pelo público devendo trabalhar na aquisição de novos visitantes através da inclusão de exposições temporárias que chamam a atenção de um público diferente, devendo a instituição trabalhar em prol desta atividade de forma a atribuir uma ampla visibilidade ao espaço museológico.

⁵⁰ OLIVEIRA, Ernesto, *Apontamentos sobre Museologia – Museus Etnológicos*, Lições dadas no Museu de Etnologia do Ultramar, Lisboa, 1971, p. 17.

4.4.PROCESSO DE ADEQUAÇÃO A CASA-MUSEU

A Associação Gritos da Minha Dança detém a responsabilidade legal de providenciar a transmutação do presente edifício para instituição museológica, sob presidência da Arquiteta Joana Botelho que desenvolveu, até ao momento, parcerias indispensáveis à sustentabilidade do projeto.

As informações que se seguem remetem para os passos que foram dados até ao momento, que permitem a evolução do projeto de adequação da casa a museu, esclarecimentos cedidos por parte da Associação Gritos da Minha Dança aquando do decorrer do estágio curricular, acrescentando-se o que ainda é necessário conceber para a conclusão do projeto de musealização. Determinadas informações foram anteriormente mencionadas, aparecendo neste ponto descriminadas e analisadas pormenorizadamente.

No âmbito da preservação do espólio bibliográfico de Fernanda Botelho, incluindo manuscritos e documentos originais redigidos à mão pela escritora, o Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, coordenado pela Professora Doutora Paula Morão, projetou e executou um projeto de conservação do acervo documental, possível pelo financiamento obtido junto da Fundação Calouste Gulbenkian. Numa preocupação contínua pela preservação, estando este primeiro plano executado, apresentou-se anteriormente o plano de conservação preventiva, desenvolvido durante o estágio académico, que responde às necessidades do edifício e dos objetos que nele estão incluídos, e que deve igualmente ser aplicado o mais breve possível, de forma a garantir a salvaguarda de todas as coleções futuramente patentes na casa-museu.

Um plano de salvaguarda do património imóvel, o edifício habitacional em transmutação para museu, do património material, todos os bens que compõem o interior da casa, e o imaterial, a memória da figura de Fernanda Botelho, é passível de ser implementado e executado após a execução do levantamento e inventariação dos objetos e respetivas coleções patentes na casa. A inventariação representa um passo imprescindível, a ser dado o mais breve possível, e posteriormente será necessária a peritagem de todos os bens por questões de segurança e de seguradora.

As fichas de inventário pretendem-se que sejam agrupadas de forma a constituírem um catálogo facilmente consultável por investigadores. Durante o estágio foi elaborado um modelo de ficha de inventário para posterior preenchimento. (Anexo I) Estas informações serão de acesso reservado, contudo, e através desta primeira ação, será possível realizar um catálogo com informações pormenorizadas que estará presente na exposição, de forma, a facilitar a sua consulta por parte do visitante. Os espaços serão

adequados conforme a quantidade de peças a figurarem no espaço, por meio de facilitação do acesso para todo e qualquer visitante que tenha interesse em conhecer o espaço museológico. Apesar da adequação necessária, é intenção de que os espaços respeitem a distribuição de bens realizada anteriormente por quem habitara a casa, mantendo a aura original dos espaços e objetos.

O primeiro motivo na origem do interesse pela criação da casa-museu é a qualidade da obra literária de Fernanda Botelho, criticada anteriormente como fulcral no desenvolvimento da modernidade portuguesa. As edições das obras remetem para os anos 50 a 90, sendo que a última publicação foi feita em 2003. Deste modo, a casa-museu insere-se no panorama do século XXI, assim como, o seu público, o que justifica a reedição de todas as obras, que motive o conhecimento por parte de todos aqueles que detenham interesse pela obra da escritora, e introduzindo o seu trabalho a novas gerações que não estão ainda familiarizados com a escritora. A Associação Gritos da Minha Dança em parceria com a *Abysmo*, cuja liderança cabe a João Paulo Cotrim, acionou um plano de reedição e publicação da obra integral de Fernanda Botelho. O projeto de reedição encontra-se a decorrer, com o objetivo de publicação de dois títulos por ano, sendo que até à data se encontra disponível “Esta Noite Sonhei com Brueghel”. O segundo passo a ser tomado é a implementação de um plano de divulgação cultural, que convide o público a conhecer e a adquirir as obras, que futuramente resultará num interesse por visitar a casa-museu.

O Município do Cadaval nutre preocupação pela evolução cultural da região e por esse motivo realizou uma parceria entre a Biblioteca Municipal do Cadaval, e a Associação Gritos da Minha Dança, para o lançamento do Prémio Literário Fernanda Botelho, que visa divulgar e premiar novos escritores. O Prémio homenageia a vida e obra da escritora a quem se candidata a concurso e inspira escritores contemporâneos a trabalharem no concelho, aludindo ao facto da escritora ter escrito na íntegra as suas duas últimas obras na casa da Vermelha. O Prémio Literário Fernanda Botelho conta com a segunda edição e possibilita a divulgação do trabalho da escritora, assim como, divulga a intenção de criação da casa-museu.

O interesse pela cultura é mútuo por parte do município e da associação e por esse motivo foi traçado um protocolo de cooperação cultural, por meio a que ambas as partes beneficiem com os visitantes da região. Aquando da conclusão do projeto de musealização importa a impressão de boletins informativos e a sua distribuição por todos os espaços culturais concelhios, promovendo aos habitantes o novo espaço museológico

na sua terra, e convidando a uma visita, por esse motivo apresenta-se uma folha de sala que futuramente poderá ser implementada. (Anexo II)

A Rede de Bibliotecas do Cadaval em conjunto com a Associação esboçou um protocolo de cooperação para a integração da biblioteca pessoal da escritora da rede, com cerca de cinco mil livros. Os livros pertencentes à escritora podem apenas ser dispensados se não estiverem integrados no plano museológico, pois representa um enorme risco de conservação.

Fernanda Botelho viveu longos anos da sua vida em Lisboa, onde iniciou o seu trabalho como escritora e escreveu inúmeras das suas obras. A Câmara Municipal de Lisboa com o intuito de prestar uma última homenagem procedeu à transladação para o cemitério dos prazeres.

A inclusão de uma educação cultural no programa escolar representa um avanço para o conhecimento do património nacional, e por esse motivo, realizam-se atividades de extensão cultural no âmbito da Casa-Museu Fernanda Botelho, nas bibliotecas escolares e municipais, assim como, nos agrupamentos de escolas da região oeste e concelhos confinantes. A educação pela arte é um meio de induzir no visitante mais jovem um respeito pela arte, que evitará danos aquando das visitas aos museus, sendo um ponto fulcral na salvaguarda do património. A introdução da bibliografia de Fernanda Botelho no plano de leitura escolar futuramente, permitirá que a informação acerca da obra chegue aos leitores mais jovens que irão analisar o conteúdo literário e compreendê-lo. O panorama de estudos continuados é igualmente importante, o que levou ao traçar de um protocolo de cooperação formação de docentes, a realizar entre o Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras e o Centro de Formação de Escolas do Oeste, possibilitando o acesso ao conhecimento da obra literária de Fernanda Botelho.

A Casa-Museu Fernanda Botelho irá promover o conhecimento pela apresentação, conservação e investigação das coleções. A Casa presta homenagem à consagrada escritora da literatura portuguesa que viveu e escreveu neste local, onde se encontram coleções bibliográficas originais da escritora, experienciáveis em todos os espaços outrora habitacionais numa exposição permanente aberta ao público.

Todos os conteúdos apresentados no presente trabalho foram desenvolvidos durante o período de estágio compreendido entre outubro de 2017 e junho de 2018.

CONCLUSÃO

A obra de arte literária carece de salvaguarda ao encargo de instituições que premeiam o passado. A literatura, que remete a séculos de história, representa um ponto fulcral na valorização cultural. A conservação do património literário português está ao encargo de profissionais dotados de uma intelectualidade que consente a fiel preservação, respeitando as características que constituem cada bem cultural. O objeto literário congregado no museu possibilita a experimentação museológica na apresentação de textos como bens artísticos e aciona uma abertura de pensamento perante a exposição de uma obra literária.

A vida e obra de um escritor é desvendada harmoniosamente nas Casas-Museu, que foram outrora as suas habitações e que hoje são instituições museológicas. O estudo aprofundado acerca das Casas-Museu de carácter literário em território nacional, permitiu o conhecimento do panorama português conduzindo à elaboração de um projeto que responde às necessidades do conteúdo expositivo e da divulgação cultural.

Analisando o estudo elaborado, pode-se concluir que as Casas-Museu de carácter literário em funcionamento no território nacional se distribuem, sobretudo, e de uma forma acentuada, na região a norte do rio Tejo – com a localização de quinze instituições, sendo notória a concentração na região da foz do Douro. Em Lisboa contam-se três Casas-Museu, e com apenas uma Casa-Museu em Setúbal, Portalegre, S. Bartolomeu de Messines e Praia da Vitória, na ilha Terceira nos Açores, completam o panorama nacional. A Casa-Museu João de Deus apresenta-se em duas cidades distintas: S. Bartolomeu de Messines – cidade natal onde viveu grande parte da sua vida, e Lisboa onde o escritor passou os seus últimos anos, o mesmo se verifica no caso de José Régio com a abertura de duas Casas-Museu em Portalegre e em Vila do Conde pelos mesmos motivos.

A investigação realizada acerca das Casas-Museu existentes permitiu o aprofundamento e desenvolvimento do estudo do percurso museológico proposto para *Casa-Museu Fernanda Botelho*, delineado em torno do objeto literário, que assume uma posição de destaque na trama museológica.

O projeto *Casa-Museu Fernanda Botelho* coloca em destaque um contributo literário para o espólio patrimonial nacional, que será devidamente exposto e acondicionado no respetivo espaço museológico, enfatizando a importância da vida e obra da escritora, numa busca pela salvaguarda do património evitando a sua destruição e extinção. O património literário de Fernanda Botelho associa-se ao contexto

museológico tendo sido traçado um percurso que une o espólio bibliográfico à sua antiga habitação adaptada a Casa-Museu.

O projeto desenvolvido ao longo do estágio curricular pretende que futuramente a Casa-Museu consiga responder a todas as normas e exigências implícitas que lhe concedam o estatuto de instituição museológica.

A abertura ao público da Casa-Museu Fernanda Botelho, será o culminar do justo reconhecimento da sua obra que, pelo seu inegável valor, mereceu a atribuição de vários prémios literários, contribuindo para uma maior divulgação desta escritora que nos foi contemporânea, perpetuando no espaço e no tempo a sua memória.

ÍNDICE

| | | |
|--------|---|----|
| I. | O MUSEU LITERÁRIO..... | 6 |
| II. | MUSEU DE CARÁTER LITERÁRIO EM PORTUGAL..... | 10 |
| | ESTUDO DETALHADO ACERCA DAS CASAS – MUSEU EFETIVAS NO TERRITÓRIO.... | 12 |
| 1. | <i>Casa – Museu Afonso Lopes Vieira</i> | 15 |
| 2. | <i>Casa Antero de Quental</i> | 16 |
| 3. | <i>Fundação Aquilino Ribeiro</i> | 17 |
| 4. | <i>Casa do Bocage</i> | 18 |
| 5. | <i>Casa de Camilo Castelo Branco</i> | 19 |
| 6. | <i>Casa – Museu Domingos Monteiro</i> | 20 |
| 7. | <i>Fundação Eça de Queiroz</i> | 21 |
| 8. | <i>Casa – Museu Fernando Namora</i> | 22 |
| 9. | <i>Casa Fernando Pessoa</i> | 23 |
| 11. | <i>Casa – Museu Guerra Junqueiro</i> | 25 |
| 12. | <i>Casa – Museu João De Deus I</i> | 26 |
| 13. | <i>Casa – Museu José Régio</i> | 27 |
| 14. | <i>Fundação José Saramago</i> | 28 |
| 15. | <i>Museu Júlio Dinis</i> | 29 |
| 16. | <i>Casa da Liberdade – Mário Cesariny</i> | 30 |
| 17. | <i>Casa – Museu Miguel Torga</i> | 31 |
| 18. | <i>Casa de Pascoaes</i> | 32 |
| 19. | <i>Casa – Museu Vasco de Lima Couto</i> | 33 |
| 20. | <i>Casa Vitorino Nemésio</i> | 34 |
| III. | A CASA – MUSEU FERNANDA BOTELHO | 35 |
| | III.I. INTRODUÇÃO | 35 |
| 1. | A CASA DA ESCRITORA | 39 |
| 1.1. | O OBJETO LITERÁRIO DE FERNANDA BOTELHO..... | 39 |
| 1.2. | MOTIVOS PARA A CRIAÇÃO DA CASA – MUSEU..... | 41 |
| 1.3. | O MUNICÍPIO DO CADAVAL..... | 44 |
| 1.4. | A CONCEÇÃO DO LUGAR | 45 |
| 1.5. | AS COLEÇÕES | 47 |
| 2. | PLANO TÉCNICO..... | 48 |
| 2.1. | OBJETIVOS TÉCNICOS | 48 |
| 2.2. | OBJETIVOS PEDAGÓGICOS..... | 50 |
| 2.3. | OBJETIVOS CIENTÍFICOS | 53 |
| 2.4. | APOIOS DE FINANCIAMENTO | 54 |
| 3. | PROPOSTA DE PROJETO | 55 |
| 3.1. | A CASA – MUSEU FACE A OUTRAS INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS | 55 |
| 3.2. | O MUSEU: ESPAÇOS E CONTEÚDOS | 57 |
| 3.3. | PLANO MUSEOLÓGICO TIPO DE CONTEXTO LITERÁRIO | 59 |
| 3.4. | CONSERVAÇÃO PREVENTIVA | 61 |
| 3.5. | <i>PLANO DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA</i> | 63 |
| 3.6. | DIAGNÓSTICO GLOBAL DAS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE | 65 |
| 3.6.1. | <i>Plano de Acessibilidade adequado especificamente ao Espaço Museológico em Estudo</i> ... | 65 |
| 4. | GESTÃO DO PATRIMÓNIO | 67 |
| 4.1. | PERCURSO MUSEOLÓGICO | 67 |
| 4.2. | IMAGEM E COMUNICAÇÃO | 74 |
| 4.3. | PLANO DE DIVULGAÇÃO CULTURAL..... | 76 |
| 4.4. | PROCESSO DE ADEQUAÇÃO A CASA-MUSEU | 78 |
| | CONCLUSÃO..... | 81 |

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Mapa de Portugal com a localização das Casas-Museu | 14 |
| Figura 2-Fernanda Botelho, publicação do Jornal Público de agosto de 2017 | 41 |
| Figura 3 – Fachada Principal, imagem cedida pela Associação Gritos da Minha Dança | 68 |
| Figura 4-Portão de Acesso ao Jardim, imagem da autora | 69 |
| Figura 5-Entrada para o interior da casa, imagem da autora | 70 |
| Figura 6 - Interior da biblioteca, imagem da autora | 71 |
| Figura 7 - Escritório, imagem da autora..... | 71 |
| Figura 8-Interior do Quarto, imagem de autor | 72 |
| Figura 9 - Sala de Estar e Jantar, Imagem da autora | 73 |
| Figura 10- publicação do Jornal Público de agosto de 2017 | 74 |

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Alexandra, *Casas – Museu em Reflexão*, Boletim da Rede Portuguesa de – museus, Lisboa, 2004.

BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço*, Martins Fontes, São Paulo, 2012.

BAIÃO, Joana, *Museus – Arte e Património em Portugal*, José de Figueiredo (1871-1937), caleidoscópio, Lisboa, 2015.

BARTHES, Roland, *Images Music Text*, Essays selected and translated by Stephen Heath, Fontana Press, London, 1977.

BOTELHO, Fernanda, *Coordenadas Líricas*, Edições Távola Redonda, Lisboa, 1951. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *O Ângulo Raso*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1957. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Calendário Privado*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1958. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *A Gata e a Fábula*, Livraria Bertrand, Amadora, 1960. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Xerazade e os Outros*, Livraria Bertrand, Amadora, 1964. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Terra sem Música: O Livro de Pitch*, Livraria Bertrand, Amadora, 1969. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Lourenço é nome de Jogral*, Livraria Bertrand, Amadora, 1971. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Esta Noite Sonhei com Brueghel*, Contexto, Lisboa, 1987. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Festa em Casa das Flores*, Contexto, Lisboa, 1990. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *As Contadoras de Histórias*, Presença, Lisboa, 1998. (1ªEd.)

BOTELHO, Fernanda, *Gritos da Minha Dança*, Presença, Barcarena, 2003. (1ªEd.)

CABRAL DE MONCADA, Miguel, *Peritagem e Identificação de Obras de Arte*, Civilização Editora, 2006.

CALVINO, Italo, *Se una notte d'invernoun viaggiatore*, Milão, 1979.

CAMACHO, Clara, *Gestão dos Museus: Modelos, desafios e mudanças*, in museologia.pt, Lisboa, 2008.

CAMACHO, Clara, *Rede Portuguesa de Museus (2000-2010): Balanço de uma revolução tranquila*, in museologia.pt, Lisboa, 2010.

CAMEIRA, Vasco, *A Salvaguarda de Conjuntos Históricos ou Tradicionais*, Unesco, Minia, Braga, 1979.

CARDOSO, Nuno, *Arte Portuguesa - III – Museus Portugueses*, Edição do Autor, Lisboa, 1935.

CASANOVAS, Luís Elias, *Conservação Preventiva e Preservação das Obras de Arte*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2008.

CESARINY, Mário, *Cartas para a Casa de Pascoaes*, Documenta, 2012.

CIDADE, Hernâni, *Bocage – com cinco retratos*, Livraria Lello & Irmão, Porto, 1936.

COUTO, João, *O Museu Nacional de Arte Antiga, seu alargamento e ação cultural*, separata do boletim do Museu Nacional de Arte Antiga – fascículo II – volume III, 1956.

CRUZ, António, *Casa – Museu Guerra Junqueiro*, Guia do Visitante, Imprensa Portuguesa, Porto, 1955.

DOMINGOS MORAIS, *Educação com, para e pela(s) Arte(s)*, in *Educação pela Arte – Pensar o Futuro*, Fundação Calouste Gulbenkian, ACARTE, Lisboa, 1992.

DUARTE, Fernando, *Aquilino Ribeiro*, Coleção Síntese, Rio Maior, 1964.

FAHY, Anne, *Collections Management*, London and New York, 1995.

FERREIRA, Inês, *Criatividade nos Museus – Espaços Entre e Elementos de Mediação*, caleidoscópio, Lisboa, 2016.

FIGUEIREDO, José, *O Legado Valmor e a reforma dos serviços de bellas-arts*, M. Gomes, Lisboa, 1901.

FOUCAULT, Michel, *L'ordre du discours*, Gallimard, Paris, 1972.

FOUCAULT, Michel, *As Palavras e as Coisas, uma arqueologia das ciências humanas*, tradução Salma Tannus Muchail, Martins Fontes, São Paulo, 2000.

FRANCASTEL, Pierre, *Imagem, Visão e Imaginação*, Arte e Comunicação, Edições 70, Lisboa, 1983.

FRÓIS, João Pedro, *Os Museus de Arte e a Educação – Discursos e Práticas Contemporâneas*, in *museologia.pt*, Lisboa, 2008.

GARCIA, Pinto, *Casa de José Régio – Lugar de Todas as Homenagens*, Lisboa, 1971.

GUICHEN, Gael, *Preventive conservation: a mere fad or far-reaching change?*, in *Museum International*, Preventive conservation, nº1, 1999. p. 5.

GUIMARÃES, Paulo, **PAZ**, Laurinda, *Os Arquivos das Casas – Museu em Portugal: Um Diagnóstico Preliminar*, Cadernos Bad, 2014.

GUERREIRO, A., ASCENSÃO, E., NUNES, V., *Casa Fernando Pessoa e Casa Museu João Soares: Dois casos distintos de intervenção num espaço de memória*, in Boletim Informativo da Associação Portuguesa de Museologia, Ramos, Afonso e Moita, Lda, Lisboa, 1999.

HUYGHE, René, *O Poder da Imagem*, Arte e Comunicação, Edições 70, Lisboa, 1986.

ICOM Statutes, Development of the Museum Definition according to ICOM Statutes, adopted by the 22nd General Assembly, Vienna, Austria, 2007, in archives.icom.museum acedido a 9 de dezembro de 2017.

KANT, Immanuel, *Crítica da Faculdade do Juízo*, Forense Universitária, 1993.

LÍRIA, Sérgio, *Do Museu de Elite ao Museu de Todos: público e acessibilidades em alguns museus portugueses*, Porto, 2000.

LOPES DA COSTA, J., MEIRELES, T., *Casa Museu Júlio Dinis*, Caleidoscópio, 2016.

LOPES D'OLIVEIRA, *Eça de Queiroz*, Vida Mundial editora, Lisboa

LORENTE, Jesús Pedro, *Qué és una Casa – Museo? Por qué hay tantas Casas – Museo Decimionómicas?* RdM, Revista de Museologia 14, Madrid, 1998.

LUCAS, Isabel, *Fernanda Botelho, o ressurgir de uma audaz ironia*, Jornal Público, 2017.

LYRA, Pedro, *Literatura e Ideologia*, Vozes, Petrópolis, 1979.

MARTINS, R., TOURINHO, I., *Pedagogias Culturais*, Editora UFSM, Santa Maria, 2014.

MINEIRO, Clara, *Mas as peças não falam por si?! A importância do texto nos museus*, in museologia.pt, revista nº1 de 2007, Instituto dos Museus e da Conservação, SOCTIP, Lisboa, 2007.

MINEIRO, C. (cord.), *Museus e Acessibilidade*, Temas de Museologia, Instituto Português de Museus, Lisboa, 2004.

MOREIRA, Isabel, *Galerias de Arte e o seu Público*, Instituto Português de Ensino à Distância, Copyright, Lisboa, 1985.

MOREIRA, Isabel, *Museus e Monumentos em Portugal 1972-1974*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989.

NEMÉSIO, Vitorino, *A Casa Fechada*, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

NEVES, José Cassiano, *Afonso Lopes Vieira – No centenário do seu nascimento*, Ramos, Afonso e Moita, Lda., Lisboa, 1978.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga, *Apontamentos Sobre Museologia - Museus Etnológicos*, lições dadas no Museu de Etnologia do Ultramar, Imprensa Portuguesa, Porto, 1971.

ORTIGÃO, Ramalho, *O Culto da Arte em Portugal*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1917.

PEARCE, Susan, *Art in Museum*, New Research in Museum Studies: Na International Series, The Athlone Press, 1995.

PESSANHA, José, *Bases para a Inventariação das Obras de Arte Existentes no País*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1913.

PINHEIRO, Magda, *Biografia de Passos Manuel*, Fundação Passos Canavarro, 2011.

PINNA, Giovanni, *Introduction to Historic House Museums*, in Museum International, Paris, UNESCO, 2001.

PIRES DO VALE, Paulo, *Quando a Arte e o Livro se Ilimitam*, Tarefas Infinitas, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2014.

PONTE, António, *Casas – Museu em Portugal*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

PONTE, António, *Casas – Museu. Museus do Privado versus Espaços de público*, in Museologia.pt, Lisboa, 2008.

PRIOR, Patrícia, *As Casas na Coleção do CAM*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2015.

QUEIROZ, Paulo, *Cativar pela Imagem*, Biblioteca d'Artes, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2002.

RAMOS, José, *Guia dos Museus em Portugal*, Edição Bilingue, Margens, Lisboa, 1996.

READ, Herbert, *A Educação pela Arte*, Artes e Comunicação, Edições 70, Lisboa, 1958.

RIBEIRO, Paula de Oliveira, *Casas D'Escritas*, Temas e Debates, 1997.

RTP Notícias, *Fernanda Botelho, poetisa e romancista premiada – biografia*, Lusa – Agência de Notícias de Portugal, S.A., 2007.

SANTOS, Vítor (dir.), *Roteiro dos Museus de Portugal*, Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Museus, Palácios e Fundações, Lisboa, 1981.

SILVA, Raquel Henriques, *Inquérito aos Museus em Portugal*, Ministério da Cultura, Instituto Português dos Museus, 2000.

SILVA, Raquel Henriques, *10 anos de rede portuguesa de museus*, in *L+Arte*, Lisboa, 2010.

SCHMIDT, J., *Empirical literature as perspective*, in Van Dijk, On the Future of Structural Poetics, 1979.

SCHMIDT, Siegfried J., Sobre a escrita de histórias de literatura, in OLINTO, Heidrun, Histórias da literatura: as novas teorias alemãs, São Paulo, 1996.

SOUSA, Élvio, *De Residência Privada a Casa – Museu de Leal da Câmara, um percurso singular*, Câmara Municipal de Sintra, Rede Portuguesa de Museus, Sintra, 2005.

TOTA, A., *A Sociologia da Arte, Do Museu Tradicional à Arte Multimédia*, Editorial Estampa, Lisboa, 1999.

VALENTE, Vasco, *João Allen (1781-1848) Soldado, Negociante, Artista e Amigo das Artes*, comemorando o 1º centenário do seu falecimento, Edições Maranus, Porto, 1948.

WARD, Philip, *The nature of conservation – A race against time*, The Getty Conservation Institute, 1984.

ANEXO I – Modelo de Ficha de Inventário

INVENTARIAÇÃO DAS PEÇAS

A casa em que a escritora passou os últimos anos de vida, conta com cinco assoalhadas visitáveis, no piso térreo, em que se encontram diversos objectos de uso diário. Cada um destes espaços transmite um ambiente habitável, em que a disposição do mobiliário se encontra provavelmente como a escritora o deixou. Porém com o passar dos anos foram adicionados objectos que terão de ser pensados perante a fidelidade histórica. Desta forma, a primeira necessidade na casa é inventariar todos os objectos e realizar uma triagem de quais permanecerão em exposição futura. A inventariação dos bens representa a primeira necessidade em serviço das necessidades da arte.² Apresenta-se de seguida uma proposta de ficha de inventário, segundo o Matriz.Net, para cada objecto ou obra artística presente na casa.

1. FICHA DE INVENTÁRIO

- a. Museu (Casa – Museu Fernanda Botelho)
- b. Número de inventário (terão de ser criados números que identifiquem individualmente cada objecto)
- c. Supercategoria (a Supercategoria por que cada objecto se rege)
- d. Categoria (os objectos devem ser agrupados por categorias dentro da Casa – Museu)
- e. Denominação (tipologia do objecto)
- f. Título (no caso do objecto deter um título)
- g. Autor (quem produziu o objecto)
- h. Local de Execução (onde o objecto foi produzido)
- i. Datação (data de execução do objecto)
- j. Descrição (todas as fichas de inventário devem conter uma descrição, uma memória descritiva, que vá de encontro com o seu aspecto formal e estético, descrevendo em detalhe todos os pormenores que incorporam o objecto)

Fotografia do Objecto

A fotografia de cada objecto é o elemento mais importante que deve constar sempre na ficha de inventário, pois é a forma mais imediata de identificação. Desta forma deve ser colocada no canto superior direito de cada ficha.

² PESSANHA, José, *Bases para a Inventariação das Obras de Arte Existentes no País*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1913.

ANEXO II– Modelo de Folha de Sala

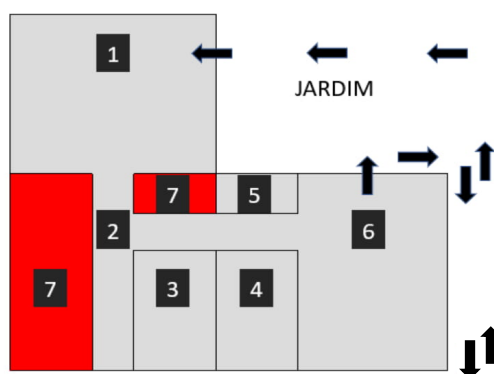


CASA-MUSEU FERNANDA BOTELHO

Património Literário em Contexto Museológico
Rua de São José, nº25, Casal Pinheiro -Vermelha, Cadaval

FERNANDA BOTELHO (1926-2007)

“Foi quando comprei no campo, a vil preço, um adorável pardieirozinho, o qual mandei restaurar, servindo-me para o efeito do seguro que o meu pobre marido tivera a diligência de fazer, longos anos atrás, ao sobrevivente. Eu sou a sobrevivente. Que a reforma de professora do Secundário, disciplina de Filosofia, não me deixava grande margem para superfluidades. O meu pardieirozinho foi uma superfluidade, um esboço de arrogância singular, um ardor de vaga inquietação. É que eu, se não nascera citadina, como citadina tinha até então vivido, longos e longos anos desde a infância.”



Percurso: 1 – Biblioteca; 2 – Circulação; 3 – Escritório; 4 – Quarto; 5 – Instalações Sanitárias; 6 – Sala;

7 – Área restrita.

A escritora encontrou na Vermelha o retiro que precisa para o seu fim da sua carreira. Inspirada pelo meio envolvente escreve desde logo “As Contadoras de Histórias”, editado no ano de 1998, e posteriormente encerraria a sua obra literária com “Gritos da Minha Dança” publicado em 2003.

“O silêncio do museu é o silêncio doméstico da minha infância, mas há aqui uma claridade inexistente lá.”